



issn: 2176-5960

Προμηθεύς  
journal of philosophy

N. 29 January April 2019



V

**DISSERTAÇÃO SOBRE A ORIGEM DOS FRANCESES<sup>1</sup>**

Por Gottfried Wilhelm Leibniz

**Tradução e notas: Húbson Kléber Palmeira Canuto e William de Siqueira Piauí<sup>2</sup>**

I [p. 3] Visto que as **Miscelâneas berlinenses**<sup>3</sup> discorreram sobre a origem dos povos (*de populorum Originibus*) e tocaram, [mas] só de passagem, nas [origens] francesas (*Francicas*), e [também] indicaram, sucintamente, que [estas] deveriam ser procuradas a partir do Mar Báltico. Pareceu-me adequado dizer, agora, as razões disso. Não é de admirar que se combata a João Isaac Pontano, Adriano Valésio<sup>4</sup> e outros

---

<sup>1</sup> Esta é uma tradução direta da versão original do **De origine francorum disquisitio**, escrita em torno de 1715 (Hannôver: Nicol, 1715. V.1, pp. 3-44). Com o intuito de oferecer um trabalho mais aprimorado, cotejamos a versão latina preparada por Jorge de Ekhart/Ecardo (1664-1730, secretário de Leibniz, bibliotecário e historiador da Casa de Hanôver) de 1768 (**Opera omnia**. Genebra: Fratres de Tournes, tomo 4, parte segunda, p. 146-167), sem, contudo, alterarmos o texto de 1715, exceto em poucos momentos que serão explicitados; por isso, mantivemos a numeração das páginas da versão original; usamos, como fizemos na **Brevis**, “[p. 3]” para designar a página 3 do original de 1715; a numeração dos parágrafos é do próprio Leibniz. Vale lembrar que grande parte dos autores e textos que aqui serão mencionados constam na obra **Monumenta Germaniae Historica** editada em 1892 e que conta com cerca de 300 volumes.

<sup>2</sup> Respectivamente, mestre em filosofia pela UFS e professor do departamento de Filosofia da UFS e líder do Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem (GEFIL-UFS).

<sup>3</sup> Publicada em sete volumes entre 1710 e 1746, *Miscellanea Berolinensia* foi o principal jornal da Academia de Berlim (então chamada de *Societas Regia Scientiarum*), cuja fundação se deve ao próprio Leibniz em 1690, a dissolução da *Societas* ocorreu em 1744. A nova instituição, a *Académie Royale des Sciences et Belles-Lettres de Prusse* (*Royal Academy of Sciences*), conseguiu a *Societas*, e a *Miscellanea Berolinensia* foi sucedida pelo *Berlim histoire et mémoires* em 1745/46.

<sup>4</sup> João Isaac Pontano (*Johan Isaaksz Pontanus*, 1571-1639) foi um filólogo e historiador dinamarquês, estudou medicina na Universidade de Franeker e de 1604 até o final de sua vida foi professor na Academia Gelderse em Harderwijk no norte da Holanda; ficou famoso por conta de seus livros de história, dos quais destacaríamos **Historia urbis et rerum Amstelodamensium** (1611), **Originum Francicarum libri VI** (1616), **Rerum Danicarum historia** (1631), **Discussiones historicae** e **Historia geldrica** (1639). Adrien Valois ou Adrien de Vallois (*Hadrianus Valesius*, 1607-1692), senhor de La Mare, foi um historiador francês de quem destacaríamos as obras **Rerum francicarum usque ad Chlotharii senioris mortem** (1646), **Gesta francorum** (1658), **Notitia Galliarum (ordine litterarum digesta, in qua situs, gentes, opida, portus, castella, vici, montes, silvae, maria, flumina (...) pagi provinciaeque Galliae illustrantur; locorum antiquitates, varia eorum nomina, vetera ac nova, episcopatuum ac monasteriorum origines, aliaque ad historiam francicam pertinentia notantur; geographi et historici graeci, romani ac nostri explicantur et emendantu**, 1675), **De vita Henrici Valesii, historiographi regii liber** (1677, obra referente ao seu pai Henrique de Vallois) e **Valesiana** ou

varões insignes que eruditamente escreveram sobre os antigos fatos [associados] aos francos (*de rebus Francorum vetustis*), [mas] durante tempos e lugares mais próximos, pois que [os que os criticaram] careciam de antigos monumentos (*veteribus monumentis*)<sup>5</sup>, [sobre] os quais me foi dado versar; [p. 4] todavia, depois daqueles [varões], em parte latente ainda e em parte já declarado dentro de [alguns] manuscritos.

II Outrora se estabelecera a ridícula opinião de que os francos (*Francos*) de Troia foram forçados (*pulsos*) à Lagoa Meótida<sup>6</sup>, depois de terem chegado de barco (*navibus*) no Danúbio e na Panônia e de lá terem sido convocados por Valentiniano<sup>7</sup> para lutarem com os romanos contra os alanos<sup>8</sup>; também tendo sido expulsos (*expulisse*) das margens da Lagoa Meótida, finalmente, adentraram na Alemanha e na França. Tais [eventos] assumem uma [associação ou] coerência (*cohaerentia*) bastante ruim (*satis male*) no [livro] **Realizações dos reis dos Francos** (*Gestis Regum Francorum*)<sup>9</sup>, editado por Freero; pois [nele] se escreveu sobre Valentiniano, quem teria feito os francos surgirem da Cítia (*Scythia*)<sup>10</sup> ou do Danúbio, quando se estabeleceu (*constet*) que os

---

**Les pensées critiques historiques et morales, et les poésies latines de Monsieur de Valois** (1694). Leibniz voltará a mencioná-los no §IX, quando ficará mais claro qual avaliação de fato faz de seus escritos e hipóteses.

<sup>5</sup> Mais acima traduzimos a expressão ‘*de rebus Francorum vetustis*’ por “sobre os antigos fatos [associados] aos francos” tendo em vista a ‘*rerum evidentiae*’ por “a evidência dos fatos”, cremos que ambas recuperam melhor o todo do texto. Tendo em vista a falta de tais monumentos voltamos a assunto que se aproxima das histórias fabulosas, onde a consideração a partir da conexão das línguas pode ajudar muito. Além disso, dado que a origem dos francos foi assunto mencionado algumas vezes no **Brevis**, especialmente a partir do § 14, certamente é um dos manuscritos aos quais Leibniz faz referência aqui, mas, para além de uma vasta correspondência, também temos textos como o resultado do embate com Otto (ou Othonis) Sperling (1634-1715), por conta de sua dissertação **De origine veterum Gallorum a Dite, h. e. a Germanis et Septentrionalibus ad Dnn**, que foi publicado nos **Nova literaria Maris Balthici et Septentrionis** (Notícias literárias do mar Báltico e do Norte) de 1699, aquela parte dos N.E. e dos E.T. e os textos lembrados por Olga Pombo, ou seja, a **Dissertatio de Stylo Philosophico Nizolii** de 1670, a **Exhortation aux Allemands d’avoir à perfectionner leur Entendement et leur Langue etc.** de 1679 e as **Considérations Inattendus sur l’Usage et l’Amelioration de la Langue Allemande** também de 1679.

<sup>6</sup> Lagoa Meótida, atual Mar de Azov; conhecido na Antiguidade Clássica como Lago Maeotis (*Μαιώτις* em grego antigo) é uma pequena região ao norte do Mar Negro, ligada a ele pelo Estreito de Kerch. Tem ao norte a Ucrânia, a leste a Rússia (incluindo a península de Taman) e ao oeste a península da Crimeia. Sobre a associação entre os francos e Troia cf. **Brevis**, p. 15 do original; como já mencionado, as migrações por terra devem ter ocorrido primeiro que as que utilizavam embarcações. Como ficará explícito, Leibniz seguirá avaliando tais histórias que associam os francos a Troia.

<sup>7</sup> Valentiniano I (*Flavius Valentinianus*, 321-375), foi imperador romano de 364 a 375.

<sup>8</sup> Alanos, povo da Sarmácia europeia.

<sup>9</sup> Como já mencionado, o **Liber Historiae Francorum** (Livro da história dos francos) é uma crônica anônima escrita por volta de 727. Foi primeiramente chamado **Gesta regum Francorum** (Realizações dos reis francos, título que manteremos para não ser confundido com outros) antes de Bruno KRUSCH republicá-lo em 1888 e renomeá-lo **Liber Historiae Francorum**, conforme entendemos de KURTH, Godefroid. “Étude critique sur le Liber Historia Francorum”, in: **Études Franques**, vol. 1, Paris, Honoré Champion, 1919, pp. 31-65. Em vários momentos desse início Leibniz vai estar mencionando o começo do livro **Realizações** [ou **Feitos**] **dos reis francos** (cf. **Monumenta germaniae historica**, 1888, tomo II, pp. 241 e seguintes).

<sup>10</sup> Já muitas vezes mencionada, a localização e extensão da Cítia ou a Ásia de Leibniz varia com o tempo,

francos já há muito tempo se assentaram nas cercanias do Reno.

III [p. 5] Tritêmio<sup>11</sup> faz o recenseamento (*resensuit*) dos príncipes dos francos desde os troianos, a partir de certo Hunibaldo – o qual, entretanto, o próprio [Tritêmio] parece ter inventado completamente. E lembrei-me de ter lido umas cartas inéditas de Frederico<sup>12</sup>, príncipe eleitor e Duque da Saxônia, para Tritêmio, nas quais ele pedia [justamente] que compartilhasse com ele o **Códex** (*Codicem*) de Hunibaldo. Mas, tendo mudado de lugar (pois fora transferido de Hirsau<sup>13</sup> para Wurtzburgo<sup>14</sup>), Tritêmio respondeu que os códices não estavam mais em suas mãos.

IV Suspeito que a fábula (*Fabulam*)<sup>15</sup> da origem troiana tenha sido criada por ele [Tritêmio], pois no [livro] **Fastos** (*Fastis*) de Próspero Tiro<sup>16</sup> alguns leram que pelo quarto ano de Graciano<sup>17</sup>: *Um tal Príamo*<sup>18</sup> *reinava na França, é o que de considerável podemos apurar*. Assim, facilmente um erro agradável [a muitos] foi introduzido; com efeito, [era] uma velha ambição [p. 6] de muitos povos presumirem-se de origem troiana,

*Também os Arvernos ousaram fingir serem irmãos dos Latinos do mesmo sangue Troiano...*

Conforme Lucano liv. I<sup>19</sup>.

desde a região dos Montes Altai onde se encontram as fronteiras de Mongólia, China, Rússia e Cazaquistão até a região do baixo Danúbio na Bulgária.

<sup>11</sup> Johannes Trithemius (*Johannes Heidenberg* ou *Johannes Zeller*; também *Johannes von Tritenheim*, *Johannes Tritheim* 1462-1516), abade do mosteiro Sponheim, foi um erudito e humanista. Em 1514, escreveu um **De origine gentis francorum compendium**.

<sup>12</sup> Frederico I da Prússia (em alemão: *Friedrich I*, 1657-1713) da dinastia Hohenzollern foi (como Frederico III) Eleitor de Brandemburgo (1688-1713) e o primeiro Rei na Prússia (1701-1713).

<sup>13</sup> Hirsau [lat. *Hirsaugia*]: uma aldeia no norte da Floresta Negra, hoje um subúrbio de *Calw*.

<sup>14</sup> Wurtzburgo (em alemão: *Würzburg*) é uma cidade francônia que fica ao norte do estado da Baviera, na Alemanha, e está localizada na região administrativa de Baixa Francônia. É uma cidade independente (*Kreisfreie Stadt*) ou um distrito urbano (*Stadtkreis*), ou seja, possui estatuto de distrito (*Kreis*).

<sup>15</sup> Fica evidente aqui a tensão entre aqueles que escrevem sem a evidencia dos fatos (*rerum evidentiae*), os fabuladores e criadores de ficções, como se verá a seguir, e aqueles que, a partir de etimologias e tudo o mais, estabelecem induções de associação ou coerência adequada, os verdadeiros historiadores.

<sup>16</sup> Em latim *Prosper Aquitanus*, são Próspero da Aquitânia ou Próspero Tiro (c.390-c.465) foi um escritor cristão e discípulo de Santo Agostinho de Hipona. Apesar de o livro **Fasti** (**Os feitos**) não aparecer entre as obras de s. Próspero, Eusébio Pamfílio cita essa frase sua no livro **Thesaurus temporum** (edição de 1658, p. 49). Prospero será mencionado novamente mais à frente, no § V.

<sup>17</sup> Flávio Graciano Augusto (*Flavius Gratianus Augustus*, 359-383) foi um Imperador Romano do Ocidente de 375 a 383; em 378, com a morte de Valente passou a também governar o Império Romano do Oriente, o qual concedeu em 379 a Teodósio I.

<sup>18</sup> Príamo (em grego antigo *Πρίαμος*, transl. *Príamos*), na mitologia grega, foi rei de Troia durante a Guerra com os helenos, e era filho de Laomedonte.

<sup>19</sup> Versos da **Farsália** (**Pharsalia**) I, 1, 427-428 de Lucano, isto é, Marco Aneu Lucano (*Marcus Annaeus Lucanus*; 39-65 d.C.), poeta romano. Apesar de sua vida curta, é tido como uma das figuras de maior destaque do período dito clássico do latim; sobrinho de Sêneca, fez parte da malograda conspiração de Pisão contra a vida do imperador Nero, e ao ser preso foi obrigado a se suicidar. Restou de sua extensa obra apenas uma epopeia inacabada, a aqui mencionada **Farsália**.

E Galfrido Monumentense<sup>20</sup>, seguindo a outros fabuladores (*fabulatores*), deduziu (*deducit*) que [o vocábulo] *britânicos* (*Britannos*) viria de Bruto, filho de Ascânio<sup>21</sup>, neto de Eneias<sup>22</sup>. E claro que tais coisas agradaram aos franceses (*Francis*), depois do que a primeira disposição [deles] foi se aproximarem do estudo das histórias (*studia Historiarum*)<sup>23</sup>.

V E, em pouco tempo, não faltaram os que (seguindo o autor do [livro] **Realizações dos reis dos Francos**) acrescentaram também Suno<sup>24</sup>, príncipe dos francos, filho de Antenor, a fim de tornarem a ficção (*fictio*) mais verossímil (*verissimilior*). Mas eu suspeito que [o vocábulo] Príamo (*Priamum*) tenha sido corrompido [em] Fáramo (*Pharamum*) a partir da contração de Faramundo (*Pharamundo*)<sup>25</sup>, [p. 7] visto que o mesmo Príamo, na [obra] **Vida do rei Sigiberto** (*in vita Sigeberti Regis*), foi chamado pai de Marcomer<sup>26</sup> (como também o sustenta o autor do **Realizações [dos reis dos**

<sup>20</sup> Godofredo ou Geoffrey de Monmouth (c.1100-c.1155) foi um clérigo galês, um dos mais significantes autores no desenvolvimento das lendas arturianas. Foi Geoffrey que, na sua obra latina **Historia Regum Britanniae** (**Historia dos reis da Britânia**, completada em 1138) alocou Arthur na linha dos reis britânicos. Numa edição de sua **Historia Regum Britanniae** a que tivemos acesso, seu nome em latim assumiu a forma “*Galfridus Monemutensis*”.

<sup>21</sup> Ascânio ou Iulo foi filho dos lendários Eneias e Creúsa e neto de Anquises. Depois da queda da cidade de Troia, destruída pelos gregos, chegou à Itália com seu pai Eneias, que se casou com Lavínia, filha do rei do Lácio, Latino, e fundou uma cidade que chamou Lavínia, em homenagem à sua esposa. Vale lembrar que se trata de etimologia mal estabelecida com relação ao vocábulo ‘*Britannos*’ e ‘*Brutus*’, quanto a este cf. N.E. III, II, §1.

<sup>22</sup> Eneias (do latim *Aeneas*, por sua vez do grego antigo *Αἰνείας*) é um personagem da mitologia greco-romana cuja história é contada na **Iliada**, de Homero, e, sobretudo, na **Eneida**, de Virgílio. Segundo a lenda, Eneias foi o mais famoso dos chefes troianos, aquele que supostamente teria conduzido os sobreviventes da destruição ao final da Guerra com os helenos para fundar uma nova cidade (cf. Homero, **Iliada**, Livro XIII, 424-444), era filho da deusa Afrodite (ou a romana Vênus) e de Anquises, filho de Cápis, que era filho de Assáraco, rei da Dardânia; era casado com Creúsa, filha do rei Príamo e de Hécuba. Tinha um filho, Iulo (na literatura romana Ascânio, vide nota anterior).

<sup>23</sup> Logo a seguir Leibniz vai mencionar mais algumas das obras escritas pelos franceses que, supostamente, estiveram alimentadas por esse animo.

<sup>24</sup> Suno também aparecerá no livro do filólogo alemão Johann Ludwig Levin Gebhardi (1699-1764) **Reges Francorum Merovinginci (Os reis merovíngicos dos francos)** de 1737, no §XXXIV Leibniz acrescentará também Genebaudo ou Genebaldo (*Geneubaudus*).

<sup>25</sup> Faramundo (370-426) considerado o primeiro rei dos francos salianos ou sálicos e ancestral dos Merovíngios, embora seja possivelmente uma figura mais fictícia que histórica. Parece que, segundo, novamente, a obra anônima **Gesta Regum Francorum** ou **Liber Historiæ Francorum**, Príamo de Troia foi considerado pai de Marcomero, Faramundo era filho de Marcomero, portanto, neto de Príamo, daí Leibniz afirmar que o vocábulo ‘Pharamundus’ é uma renovação do nome do avô ‘Priamus’; é possível que Faramundo tenha sido o pai do rei franco-saliano Clódio, o Cabeludo. Tendo em vista os muitos momentos em que Leibniz afirma que as novas línguas, seus novos vocábulos, surgem da corrupção e mistura com outras, procuramos nos manter o mais próximo possível dos termos latinos “*corruptum*” e “*contracto*”; parece que o que está em jogo é a corrupção via aumento e contração ou diminuição de, primeiro, o vocábulo aumentado ‘Pharamundo’, menos ‘do’, daí ‘Pharamum’, menos ‘ha’ ou apenas ‘h’, daí ‘Pramum’ ou ‘Paramum’ e, alterando um pouco a pronúncia, então, ‘Priamum’. No §XXXIV, voltarão a ser mencionados junto com Marcomer ou Marcomir.

<sup>26</sup> Marcomer (c.346-404) ou Marcomir foi um duque (*dux*, líder) franco do final do século IV. O livro **Vita Sigeberti III Regis Austrasiæ (Sobre a vida de Sigeberto III: rei [franco] da Austrásia)** foi escrito pelo belga Sigeberto de Gembloux (1030-1112), o qual será mencionado pouco mais a frente, no §XXXIV, onde Leibniz criticará seu uso de nomes corrompidos (*corrupte*).

**Francos**]) e avô de Faramundo; naturalmente [trata-se] do nome do avô remoçado, como frequentemente se faz. Porém, também Paulo de Warnefred, vulgo Paulo Diácono<sup>27</sup>, protegendo a fábula, ou melhor, os amantes da fábula, refere Ansegiso<sup>28</sup>, filho de Arnulfo<sup>29</sup>, bispo de Metz, progenitor da estirpe Carolíngia, ao troiano Anquises<sup>30</sup>; não somente a partir de bispos de Metz, mas também a partir do [que afirma o] Epitáfio de Rotaide<sup>31</sup> da filha do rei Pepino<sup>32</sup>[, a saber]:

*O poderoso Anchise é meu bisavô, aquele que,  
muito tempo depois, herda seu nome do famoso Anchisa de Troia.*

VI Nem [a origem a partir de] Tróia parece bastar, [mesmo] Alexandre Magno fora chamado com [p. 8] os macedônios para aumentar o brilho [ou fama] da nação [franca]. Tanto assim que Fredegário<sup>33</sup> citara os francos egressos de Troia numa dupla divisão, em parte tendo chegado à Macedônia; [mas] outros – chamados frígios, a partir do rei Friga – vagando pela Ásia se estabeleceram no litoral do rio Danúbio e do mar Oceano (*maris Oceani*)<sup>34</sup>. Que, evidentemente, as associem (*cohaereant*) bem com aquela [divisão], quem não o percebe? Donde, tendo vindo para a Europa (como se naturalmente o Danúbio corresse por fora da Europa) sob a liderança de Francião (*Francione*) (daí o nome de francos (*Francorum*)), uma parte da nação ocupou a

<sup>27</sup> Paulo, o Diácono (*Paulus Diaconus*; c.720-c.799), também conhecido como Warnefred e Cassinensis (“de Monte Cassino”), foi um monge beneditino e historiador dos lombardos.

<sup>28</sup> Ansegisel (c.615-c.679).

<sup>29</sup> Arnulfo da Caríntia (850-899) foi um rei franco e imperador Romano-Germânico; foi coroado pelo Papa Formoso em 22 de fevereiro de 896 e seria o último imperador carolíngio. Partiu para Espoleto para ali estabelecer sua autoridade, mas no caminho ficou paraplégico, como seu pai, e retornou à Baviera, onde morreu; casara-se com Oda ou Ota da Baviera; deixou três filhos.

<sup>30</sup> Na mitologia grega, Anchises ou Anquises foi um príncipe troiano, primo do rei Príamo. Em sua época, Anquises era conhecido por possuir seis excelentes cavalos (algo valorizado na época, uma vez que os troianos eram exímios cavaleiros) e por ter sido amante mortal da deusa Afrodite, com quem teve o filho Eneias.

<sup>31</sup> Rotaide, irmã de Carlos Magno. No livro **Le origine dell’epopea francese** de Pio Rajna de 1884 se lê: “*Ce ne dà ottimo indizio Paolo Diacono, con quelle parole dell’epitaffio di Rotaide sorella di Carlo Magno (Dá-nos um ótimo indício Paulo Diácono, com aquelas palavras do epitáfio de Rotaide, irmã de Carlos Magno)*”.

<sup>32</sup> Pepino III (c.714-768), também conhecido como Pepino, o Breve ou Pepino, o Moço, foi o rei dos francos de 751 a 768 e é mais conhecido por ter sido filho de Carlos Martel e o pai de Carlos Magno.

<sup>33</sup> Fredegário ou Fredegar (morto c.660) foi um cronista, conhecido pela sua obra **Crônica de Fredegar**, a principal fonte primária dos eventos da Europa Ocidental do século VII, Leibniz o mencionará novamente pouco mais à frente, §VII, junto com Aimonio.

<sup>34</sup> Praferimos deixar o nome como no latim. Os antigos apelidavam o Oceano Atlântico de *mar Tenebroso* ou *mar Oceano*, conheciam apenas as costas situadas entre o norte das ilhas britânicas e as Canárias. Dos séculos VIII a XI, os Normandos frequentaram as praias da Noruega, da Islândia, da Groelândia, de Spitsbergen e da Nova Escócia, no atual Canadá. Até o final da Idade Média, só se faziam navegações costeiras, indo até ao cabo Bojador. No século XV, os portugueses intensificaram a exploração da costa africana. Nos primeiros 20 anos do século XVI, toda a costa atlântica do continente americano (supostamente encontrado apenas em 1492 por Colombo) fora visitada por navegadores portugueses, espanhóis e italianos.

margem do Reno. [E] cita[m] são Jerônimo certamente confundindo Próspero, o continuador de Jerônimo, que nomeia Príamo, com são Jerônimo o qual deu continuidade às **Crônicas de Eusébio**<sup>35</sup>.

VII Mas, uma vez que a Macedônia pareceu bem a Alexandre Magno, [p. 9] parecia-lhe [igualmente] justo e honesto que os francos servissem no exército. O monge Otrfrido de Weissemburgo no [**Livro**] dos **evangélios aos teutões**<sup>36</sup>, livro I, cap. 1, nos versos escritos no próêmio a Ludovico Germânico, fá-los parentes (*cognatos*) de Alexandre:

*In einen buachon ih weiz war,  
Sie in sibbu joh in ahtu,  
Sin Alexanderes slahtu.*<sup>37</sup>

[Traduzindo:] “Aprendi dum certo livro que, enquanto família (*cognatione*) e enquanto estima (*existimatione*), tinham sido da linhagem (*genere*) de Alexandre”.

Supôs, enfim, que saíram da Macedônia e que desprezaram [as leis ou] os impérios (*imperia*) das demais nações. Mas Aimoino<sup>38</sup>, no livro I sobre as **Realizações**

<sup>35</sup> Leibniz se refere ao famoso tradutor da **Bíblia** para o latim, dando origem à Vulgata, e importante historiador Eusébio Sofrônio Jerônimo (ou Jerônimo de Estridão, em latim *Eusebius Sophronius Hieronymus*) que nasceu em torno de 347 e morreu em mais ou menos 448; sua obra é vasta e dentre elas consta o **Temporum liber (Livro sobre os tempos – Crônicas)**; trata-se, em parte, de uma tradução para o latim da obra **Crônica** (referência aos títulos das partes de sua obra **Pantodape Historia – História Universal**, ou seja, suas *Chronographia*) do pai da história da igreja (por ter escrito a **Historia Ecclesiae, História da Igreja ou Eclesiástica**) Eusébio de Cesaréia (c.265-339, também chamado de *Eusebius Pamphili*) que foi o primeiro dos cinco continuadores da crônica iniciada por Sexto Júlio Africano (c.260-240) cuja **Crônica (Chronographiai)** ou **História do mundo** vai do início do mundo e passa a ser suplementada por seus continuadores; a **Crônica** de Jerônimo, segundo continuador, a suplementa com informações do período entre 325 (ano em que terminam as considerações de Eusébio) a 379; o terceiro continuador foi, o acima mencionado mais de uma vez, Próspero de Aquitânia (c.390-455) ou Próspero Tiro, discípulo de Agostinho e primeiro continuador das crônicas de Jerônimo, escreveu a **Epitoma Chronicon**, o quinto continuador foi Vitor de Tununa (em latim *Victor Tunnunensis*, morto em mais ou menos 569) que também escreveu uma **Crônica (Chronicon)**, devemos acrescentar a esses nomes o de Cassiodoro (em latim *Flavius Magnus Aurelio Cassiodorus Senator*, 490-581, já mencionado no **Brevis**) que escreveu a **Crônica** (de 519), a **Historia Gothorum (História dos godos**, de 526 a 533) e também uma **Historia Eclesiástica**.

<sup>36</sup> Com a expressão ‘*Evageliorum Teutonicis*’, Leibniz parece estar se referindo ao **Liber evangeliorum (Livro dos evangélios)** que foi escrito pelo já muitas vezes mencionado Otrfrid ou Otfried von Weißenburg (c. 790- c. 875), trata-se de um poema épico bíblico escrito, como o demonstra a citação, em alto alemão antigo, por isso seu autor foi considerado o primeiro poeta da língua alemã, tal obra também se associa às tentativas de “harmonizar” os evangélios, como o foi a obra **Diatessarão** do apologista asceta Tatiano o Assirio (c. 120-172), que é uma tentativa de harmonizar os evangélios de Mateus, Marcos, Lucas e João. Otfried também escreveu uma série de comentários à **Bíblia** em latim e parece ter escrito na língua da Francônia (*Frenken* em alemão) o conteúdo dos evangélios, até então disponíveis apenas em hebraico, grego e latim.

<sup>37</sup> Esse trecho está escrito em *Althochdeutsch (alto-alemão)*, poderíamos traduzir do modo como segue: *Outrora li num livro, / [que] Em estirpe e em honra, / [eram] Da mesma linhagem de Alexandre*. Como se verá no decorrer do presente texto, Leibniz fará a tradução de vários trechos de livros e poemas que corroboram suas afirmações, por isso manteremos o original e, quando necessário, faremos os comentários em nota, obviamente o recurso ‘[Traduzindo:]’ acompanhado das aspas não está no original.

<sup>38</sup> Como em parte já mencionado em nota anterior, **As crônicas de Fredegário** lembram não só seu autor,

[dos reis] dos Francos (*Gestis Francorum*), passa em revista diversas opiniões daquele autor da obra **Realizações** supracitada e de Fredegário; mas acrescentou [coisas] que Fredegário não tinha dito, [a saber,] que os altivos macedônios, apoiados pelas forças dos francos (*viribus Francorum*), venturosamente guerrearam [p. 10] sob o comando de Filipe e Alexandre.

Como fica claro, a partir do exemplo de Witikindo Corbeicense<sup>39</sup>, que também os saxões, quando começaram a ter seus próprios escritores, ambicionaram a glória do exército alexandrino. Sigeberto Gemblacense<sup>40</sup> e muitos depois dele seguiram os passos de Aimoino, dos quais nada há a dizer.

VIII Gregório<sup>41</sup>, bispo de Tours, sem fazer qualquer menção das origens troianas ou macedônicas, estabelece a Panônia como primeira moradia dos francos, e que ali fundaram a cidade de Sicâmbria, que alguns acham que era [a cidade] Buda<sup>42</sup>. Mas

o cronista franco Fredegário morto em 660, mas também a obra que, enquanto crônica, também será continuada por alguns sucessores, ou seja, o **Historia francorum** ou **Decem libri historiarum** do historiador galo-romano Gregório de Tours (c. 538-594); daí que Leibniz deve estar se referindo ou a Moine de Laon (642-736), o primeiro continuador de Fredegário, que escreveu parte do **Liber historiae francorum** (**Livro da história dos francos**), ou a Aimoin de Fleury (em latim *Aimonius – Annonius ou Aemonius – Floriacensis*, c. 960-c. 1010), cronista francês que escreveu o **Historiae Francorum Libri IV** (**Da história dos francos em quatro livros**) e que, a princípio, pretendia tratar da origem dos francos até o reinado de Pepino, o Breve. Aqui também valeria a pena se informar mais incluindo nessa lista a obra **Chroniques de Saint Denis** e as **Grandes chroniques de France**.

<sup>39</sup> Leibniz certamente está se referindo ao cronista medieval saxão Viduquinhão de Corvey (em latim *Widukindus Corbeiensis* ou *Witichindus*, em alemão *Widukind* – c.925-c.973), que escreveu a **Res gestae saxonicae sive annalium libri tres** (**Sobre as realizações dos saxões ou anais em três livros**) ou **Historia Saxonica**, importante fonte para a história do reino germano do século X durante a dinastia de Otão I do sacro império germânico (912-973), mais conhecido como Otão o Grande, e seu pai Henrique rei da França Oriental (876-936), ou Henrique o Passarinheiro; Widukind também começa sua história a partir do rei da Austrásia Teodorico I, tratando da guerra que sob seu comando os saxões travaram contra os turingios; sua obra também teve uma edição em 1532 (**Witichindi Saxonis Rerum Ab Henrico Et Ottone In Imp. Gestarum Libri III**) e foi reeditada como parte da série **Monumenta Germaniae Historica: Scriptorum rerum Germanicarum in usum scholarum editi** de 1935.

<sup>40</sup> Em latim *Sigebertus Gemblacensis*, Sigeberto (ou Sigueberto) Gemblacense (ou Gembloux), foi um monge beneditino belga (1030-1113) que também escreveu uma **Crônica universal** (**Chronicon sive Chronographia**) onde ele pretendia abordar os anos entre 381 e 1111, sua obra teve uma reedição especial em 1513; tal era sua importância para os assuntos aqui tratados que também foi reeditada na **Monumenta Germaniae Historica**; como as crônicas anteriores, encontrou seu continuador em Anselmo de Gembloux. É de Gemblacense a **Vita Sigisberti III regis Austrasiae** (**Vida do rei [franco] da Austrasia Sigisberto III**), a **Vita Deodorigi, Mettensis episcopi** (**Vida de Teodorico I, bispo de Metz**, já mencionado mais acima, e a **Vita Wicberti** (**Vida de São Guilberto**, fundador da abadia de Gembloux), escreveu uma **Gesta abbatum Gemblacensium** (**Realizações dos abades de Gembloux**) e, em seu **De scriptoribus ecclesiasticis**, compilou um catálogo contendo 171 escritores eclesiásticos.

<sup>41</sup> O já mencionado são Gregório de Tours ou Gregório Turonense (*Gregorius Turonensis*; c.538 - 594) foi um historiador galo-romano e bispo de Tours, o que o tornava o principal prelado da Gália. Ele é a principal fonte contemporânea da história merovíngia. Seu mais notável trabalho foi seu **Decem Libri Historiarum** (**Dez Livros de Histórias**), mais conhecido como **Historia Francorum**, um título dado por seus continuadores cronistas.

<sup>42</sup> Desde os celtas e anteriormente ao ano 1 d.C. na região em que hoje se encontra Budapeste podemos dizer que teve início a história do Reino da Hungria, que teve origem propriamente em 1241 quando os magiares construíram um castelo na localidade que depois viria a se chamar Buda, o castelo foi construído em uma colina à margem do Danúbio, ao sul de Óbuda e em frente a Peste; em 1361 Buda

consta que para alguns, contrariamente a tudo o que se disse a partir dos mais antigos, as sedes dos franceses [eram mais] longe, enquanto outros os estabeleceram moradores da Panônia. [E] logo depois, os francos são chamados de sicambros (*Sicambri*)<sup>43</sup>, pois teriam tomado o lugar dos [p. 11] sicambros, não há dúvida que moraram junto ao rio Siga, defronte da [cidade] Colônia Agripina ou um pouco mais adiante. Por consequência, nada tiveram de comum com Sicâmbrria, ao contrário avançaram para o Reno.

**IX** Lacarry (*Lacartius*)<sup>44</sup>, que publicou um livro sobre as colônias da nação gaulesa (*Gallicae gentis*), e outros não puderam negar certos homens doutos da Gália, quanto às origens germânicas dos francos (*Francorum*), demonstradas por Cluvério, Pontano, Valésio<sup>45</sup> e outros. Os gauleses, [porém,] desejosos de honra avessa à investigação, deduziram que os [povos que estavam] na Germânia [teriam vindo] das colônias gaulesas (*Gallicis*); assim, na verdade, [teriam vindo] da região, não, contudo, [propriamente] da nação germânica. Como tinham lido nos **Comentários** de Júlio César

tornou-se a capital da Hungria, em 1541 Buda caiu sob o domínio otomano e só foi reconquistada pelos Habsburgos em 1686. Não conseguimos saber quais foram os historiadores que, segundo Leibniz, confundiram Sicâmbrria com Buda.

<sup>43</sup> Sicambros, também conhecidos como sigambros e sigambrianos, é um antigo povo da Germânia, habitantes das margens do Reno mais ao norte, onde hoje se encontra a Holanda. Diante do que foi dito até aqui, vale lembrar que existem relatos mitológicos sobre a relação dos sicambros com os francos. No **Liber Historiae Francorum** (já mencionado trabalho anônimo de 727) afirma-se que, após a queda de Troia, 12.000 troianos liderados por Príamo e Antenor estabeleceram-se, primeiro na Panônia, próximo ao mar de Azov [lagoa Meótida], onde fundaram uma cidade chamada Sicâmbrria; em seguida, teriam chegado à região do Reno, onde, com outros povos germânicos, deram origem aos francos. Os sicambros, tribo germânica ocidental, parecem surgir na história em 55 a.C., durante o período de conquista da Gália por Júlio César; estabeleceram-se na margem direita do Reno entre os rios Ruhr e Sieg (ou *Siga*, daí o *Sigam* do texto), mais para a Magna Germânia. Nos parece que, até aqui, Leibniz compartilha a opinião dos que ele nomeia de mais antigos (*vetustioribus*) quanto aos francos terem estado menos ao oriente e mais ao sul – talvez com Larry, Cluverio, Pontano e Valesio, que serão mencionados a seguir –, menos para a Magna Germânia, ou seja, mais próximos da Panônia do que do lugar onde teriam habitado os sicambros.

<sup>44</sup> Na edição de 1768 do **De origine**, op. cit., Ekhart faz uma correção no nome, apresentando-o como *Lacarrus*, assim, Leibniz parece estar se referindo ao jesuíta historiador da França e seu contemporâneo Gilles (Aegídio ou Egídio) Lacarry (em latim *Aegidius Lacarrus*, 1605-1684), que teria feito uma nova edição do livro **Germânia** de Tácito e escrito vários livros de história, dentre outros **Historia coloniarum a Gallis in exteris nationes missarum, tum exterarum nationum coloniae in Gallias deductae: Disputatio de regibus primae familiae, deque lege Salica** (1677), certamente ao qual Leibniz se refere acima, **Historia Galliarum sub Praefectis praetorio**, **Historia romana a Jul. Caesare ad Constantinum magnum per numismata**, o **Epitome historiae regum Franciae ex D. Petavio excerpta**, o **Historia christiana imperatorum**, o **De primo et ultimo anno Regis Hugonis Capeti**, **Elogium Nati Delphini Ludovici XIV** e o **Historia codicis Justiani**.

<sup>45</sup> Philipp Clüver (também *Klüwer*, *Chuver*, ou *Chuvier*, latinizado como *Philippus Cluverius*, 1580-1622) foi um geógrafo e historiador alemão que escreveu, dentre outras, **Germania antiqua** (1616), certamente à qual Leibniz se refere aqui, **Siciliae antiquae libri duo** (1619), **Sardinia et Corsica antiqua** (1619), **Italia antiqua** (1619), **Introductio in Universam Geographiam** (1629), obra que foi traduzida para o francês e publicada em 1697. Quanto a Pontano e Valésio, Leibniz já os havia mencionado no §I, tendo em vista que eles defenderam que as origens dos francos se associam aos mais antigos germanos fica patente o acordo com a hipótese geral de Leibniz.

que os gauleses levaram a colônia para a Floresta Negra<sup>46</sup>, imediatamente decidiram, mesmo sem autor [p. 12] nem argumento, que os francos (*Francos*), originados desses gauleses (*Gallis*), retornaram à pátria dos antepassados. Mas essas coisas são [próprias] de quem quer, não de quem raciocina, e, tendo em vista que [suas opiniões] não assentam com as que temos defendido, nem resta dúvida se a [língua] dos franceses tenha sido a língua teutônica<sup>47</sup>. A região dos Boios (*Boiorum*) foi atribuída às mais antigas (*veteribus*) colônias gaulesas (*Gallis*); e se pode crer que, como se dirigissem para a Ásia (embora, como é evidente, os germânicos aceitaram [viver] em sociedade), deixaram alguns dos seus nas regiões não muito distantes do Danúbio. Embora seja estranho, por qualquer motivo, que se tenham apartado para tão longe do caminho, para o qual nada os atraía, para [irem até] perto do Mar Báltico; também que tenham estabelecido morada em meio às nações dos suevos (*Svevorum*), e que ali se tenham podido proteger.

**X O Geógrafo de Ravena** (*Geographus Ravenas*)<sup>48</sup>, [p. 13] de um escritor nascido, ao que parece, dentre os godos (como Jornandes<sup>49</sup>, que também trabalhou em Ravena) ou de outra estirpe germânica, foi o primeiro [livro] a me ensinar que as antigas

---

<sup>46</sup> **Commentarii** (ou **Comentariorum**) **de bello Gallico** (ou **Bellum Gallicum**) (**Comentários sobre a guerra gálica**), livro VI, cap. XXIV: “*Galli [...] propter hominum multitudinem agrisque inopiam trans Rhenum colonias mitterent. Itaque ea, quae fertilissima Germaniae sunt, loca circum Hercyniam silvam [...] occupaverunt atque ibi consederunt* (Os gauleses [...] por causa da quantidade de homens e da pobreza dos campos enviaram colônias para além do Reno. Assim ocuparam aqueles lugares, que são os mais férteis da Germânia, ao redor da floresta Negra (ou selva Hercínia [*Hercyniam silvam*]) e ali se estabeleceram)”.

<sup>47</sup> A solução da questão da origem dos francos deixaria de ser propriamente de história ou geografia, ou seja, pensada apenas a partir do quando teriam ocorrido certas migrações dos povos, para se tornar de etimologia e filologia, do registro das migrações conservado na transmissão de certos vocábulos, bem ao gosto das considerações que se fizeram no **Brevis** e nos **N.E.**; de qualquer modo, nos §§ XX e XXIX, tomando a Lei Sálca como ponto de partida, Leibniz fará voltar a questão da origem teutônica da língua dos francos, o que muda radicalmente a consideração dos vocábulos que poderiam restabelecer suas reais origens.

<sup>48</sup> Leibniz se refere ao provável autor (*scriptor*) do livro **Ravennatis Anonymi Cosmographia** também conhecido simplesmente por **Ravennate**, compilação provavelmente de um cosmógrafo ou geógrafo cristão que deve ter sido escrito por volta de 670 e cujo manuscrito foi encontrado na cidade de Ravena – localizada no centro-leste da Itália, foi uma das capitais do Império Romano do Ocidente e se tornou a capital do reino ostrogodo na Itália sob Teodorico, o Grande –, foi publicado a primeira vez em Paris em 1688 por Dom Plácido Porquerono (cf. mais abaixo) com o título **Anonymi Ravennatis de geografia libri V** (**Anônimo de Ravena sobre geografia em cinco livros**) e foi uma importante fonte para compreender as migrações associadas ao Império Romano.

<sup>49</sup> Vale lembrar que, apesar do nome do bizantino Jordanes (ou Jornandes), que floresceu por volta de 550, não constar de fato na lista dos bispos, alguns textos chegaram a afirmar que teria sido bispo de Ravena, mas é certo que foi um importante historiador e que escreveu o **Sobre a origem e ações** [ou **realizações**] **dos godos** (**De Origine actibusque Getarum, De Getarum** – Ghotorum – **Origine et Rebus Gestis**, ou simplesmente **Getica**, nome dado pelo seu editor Theodor Mommsen em 1882), obra que foi publicada a primeira vez em 1551. Parece tratar-se de um resumo do volumoso livro de Cassiodoro (c.487-583) sobre a origem e história do godos, o **De rebus Gestis Gothorum Libri XII** (**Sobre as realizações dos godos em doze livros**).

moradias dos francos, antes de serem conhecidas dos romanos, devem ser procuradas nos arrabaldes do mar Báltico; com efeito, daqueles [francos] ele convoca os escritores ou, como é dito, os filósofos desconhecidos para eles. O primeiro a publicá-lo foi Porquero<sup>50</sup> dos beneditinos de Saint-Germain, homem doutíssimo; depois, a partir do **Códex de Leiden**, que Grócio<sup>51</sup> outrora indicara, Tiago [Jacob] Gronóvio<sup>52</sup> aperfeiçoou a narrativa, igualando a fama do pai. Aquele **Anônimo [de Ravena]** traz o seguinte no livro I, cap. XI: *como na quarta hora da noite, a pátria dos normandos, que é a Dinamarca, segundo os antigos, dá que, de modo certíssimo, Maurungânia, [p. 14] diante do Albes ou a pátria do Elba, era chamada pelos antigos; nesta pátria do Elba assentaram-se por muitos anos os parentes (linea) dos francos.*

XI Consta dos escritos de Paulo de Wanfrido<sup>53</sup>, popularmente conhecido como o Diácono, quando estava descrevendo a viagem dos longobardos (apesar de fictícia), que a Mauritânia (*Maurunganium*), ou melhor, a Maurigávia (*Mauringaviam*) ou *Mauríngia* (*Mauringiam*) estava localizada perto do mar Báltico; além do que é indicado pelo próprio vocábulo<sup>54</sup>. É, de fato, a Mauríngia uma região marítima, como Morinos, como

<sup>50</sup> O beneditino francês Plácido Porquero (em francês e latim *Dom David-Placide e Porcheron Placidus Porcheronus*, 1652-1694) parece ter sido bibliotecário e prefeito da biblioteca de S. German-des-Prés em Paris, foi ele quem primeiro publicou o **Anônimo de Ravena** em 1688; contemporâneo de Leibniz, também se distinguiu como grande conhecedor de línguas, história e geografia. O livro **Commentarii de Rebus Franciae Orientalis et Episcopatus Wirceburgensis (Comentários das coisas da França Oriental e do Episcopado de Virceburgo, 1729)** de João Jorge Ekhart menciona o **Anonymus geographus Ravennatis** e o nome de Plácido, op. cit. vide p. 902.

<sup>51</sup> Hugo Grócio (*Hugo Grotius, Huig de Groot* ou *Hugo de Groot*, 1583-1645) filho do curador da Universidade de Leiden, onde cursou Direito, foi um famoso jurista a serviço da República dos Países Baixos. É considerado o precursor do Direito internacional, baseando-se no Direito natural. Foi também filósofo, dramaturgo, poeta e um grande nome da apologética cristã.

<sup>52</sup> O contemporâneo de Leibniz Jacobus Gronovius (*James Gronovius* ou *Jacob Gronow*, 1645-1716) foi um erudito e filólogo clássico holandês que viveu em Leiden, era pai do botânico *Johannes Fredericus Gronovius* e filho do filólogo clássico *Johann Friedrich Gronovius*. Além de Filologia (*literae humaniores*) também estudou Direito e em 1702 passou a ser o geógrafo da academia de Leiden. Tendo em vista as muitas possibilidades de uso do vocábulo ‘Codex’, não conseguimos saber ao certo a qual obra que Grócio teria chamado atenção (talvez o famoso **Codex Mediceus**), mas talvez Leibniz queira dizer apenas que Gronovius teria aperfeiçoado a narrativa do **Anônimo de Ravena** em, quem sabe, sua obra mais importante o **Thesaurus antiquitatum Graecarum (Tesouro das antiguidades gregas, 1697-1702, em 13 volumes)**.

<sup>53</sup> Paulo, o Diácono (em latim *Paulus Diaconus*, c.720-799), Paul Warnefrid, Varnefredo ou Cassinensis, foi um monge beneditino italiano e um importante historiador dos lombardos, sua obra principal foi **Historia gentis langobardorum (História da nação dos lombardos)**, obra impressa a primeira vez em Paris em 1514, a qual teria sido escrita a partir da obra **Origo gentis Langobardorum, Liber pontificalis**, da história perdida de Segundo de Trento (nasc. 612), e também das de, dentre outros, Beda (c.673-735), Gregorio de Tours (c.538-594) e Isidoro de Sevilha (c.560-636); também passou a fazer parte da **Monumenta Germaniae Historica**. O vocábulo ‘*Mauringa-ae*’ aparece já no início do primeiro livro da **Historia gentis langobardorum**; segundo Ekhart, a Maurungânia é a pátria do Elba.

<sup>54</sup> Será fácil notar aqui que, após ter reafirmado a tese geral e citado parte do **Anônimo de Ravena**, inclusive acrescentando algumas outras autoridades mais de estirpe germânica, Leibniz começa a utilizar suas considerações sobre as línguas, ou melhor, sobre os vocábulos que permitem compreender as origens das nações, ou seja, para reconstituir a história, que é mais recente que a dos germanos, dos francos a

Aremórica; e hoje é quase a mesma região da *Pomerânia* (*Pomerani*), em língua eslava *pomeranos* (*Pomerani*) são os que estão situados nos arrabaldes do mar, como *pólabos* (*Polabi*) são os que moram nas cercanias do Elba, porquanto [o vocábulo] *Labe* se refere ao Elba (*Albis*) para os eslavos.

XII Assim, a partir do **Geógrafo de Ravena** fica claro que os antepassados *ou os parentes (lineam) dos francos* povoaram a região entre o mar Báltico (*Balthicum*) e [p. 15] o Elba (*Albim*). Essa região parece estar quase toda contida entre os rios Êidora e o Pane, e talvez se estenda para além do Odera ou do Viadro. E, depois, manterá os nomes hodiernos de Holsácia, de ducado lavemburguês, ducado meclemburguês também parte da Pomerânia; e dentre as nações que outrora habitavam aquelas regiões, os reudignos<sup>55</sup> (ou, com Cluvério, [chamaremos] deuringos?), os aviões<sup>56</sup> (ou aqueles depois [chamados] caviões ou chaibões?), ingleses, werinos (ou varnos), os eudosos; também aqueles outros Tácito<sup>57</sup> lembra aqui [ao dizer o seguinte]: uma tropa de

---

partir de menos a oriente e mais ao sul da Magna Germania, como vai ficar ainda mais evidente no §XIII, quanto ao vocábulo ‘Aremorica’ cf. **Brevis** p. 10 do original.

<sup>55</sup> Reudignos: povo da Germânia setentrional.

<sup>56</sup> Aviões: povo da Germânia.

<sup>57</sup> Tendo em vista que não a encontramos na obra **Germania** de Tácito e a confiar no final da “citação”, na verdade trata-se de afirmação feita em **Epitoma Historiarum Philippicarum T. Pompeii Trogi libri XLIV (Resumo do [livro] Das histórias filípicas de Pompeio Trogo em quarenta e quatro livros)**, pelo historiador Marco Júnio Justino ou Justino Frontino, que viveu no século II; em seu livro XXIV, capítulo IV, §§1-10 temos: “*Namque Galli abundante multitudine, cum eos non caperent terrae, quae genuerant, CCC milia hominum ad sedes novas quaerendas velut ver sacrum miserunt. Ex his portio in Italia consedit, quae et urbem Romanam captam incendit et portio Illyricos sinus ducibus avibus (nam augurandi studio Galli praeter ceteros callent) per strages barbarorum penetravit et in Pannonia consedit; gens aspera, audax, bellicosa, quae prima post Herculem, cui ea res virtutis admirationem et immortalitatis fidem dedit, Alpium invicta iuga et frigore intractabilia loca transcendit. Ibi domitis Pannoniis per multos annos cum finitimis varia bella gesserunt. Hortante deinde successu divisis agminibus alii Graeciam, alii Macedoniam omnia ferro prosternentes petivere, tantusque terror Gallici nominis erat, ut etiam reges non lacessiti ultro pacem ingenti pecunia mercarentur. Solus rex Macedoniae Ptolomeus adventum Gallorum intrepidus audivit eisque cum paucis et incompositis, quasi bella non difficilium quam scelera patrentur, parricidiorum furii agitatus occurrit* (Certamente os gauleses [galli] em uma abundante multidão, visto que não os puderam sustentar as terras, que fizeram surgir, enviaram trezentos mil homens para buscar novas sedes como se fossem uma *primavera sagrada*. Dentre estes [enviados], uma porção assentou-se na Itália, que incendiou Roma [depois de] capturada; [outra] porção, guiada por aves (pois da arte dos augúrios os gauleses sabem mais que o demais), penetrou por entre a devastação dos bárbaros e assentou-se na Panônia; um povo rude, audaz e belicoso, que foi o primeiro [povo], depois de Hércules, a quem deu a admiração da força e a certeza da imortalidade, ultrapassou os invencíveis cimos dos Alpes e os lugares indômitos por causa do frio. Lá guerrearam muito e por muitos anos contra os submissos e limítrofes panônios. Em seguida, inflados pela vitória, tendo dividido o exército, uns marcharam para a Grécia, outros para a Macedônia, subjugando tudo pela espada, era tamanho o terror inerente ao nome *gaules*, que até os reis que não tinham sido desafiados [ou atingidos] compravam espontaneamente a paz a preço muito alto. Somente Ptolomeu, o intrépido rei da Macedônia, ouviu sobre a chegada dos gauleses e foi de encontro a eles, agitado pela raiva dos parricidas, com poucos e desordenados [soldados], terminando uma guerra não mais dura do que nociva”). Assim, com ‘*quos alios*’ Leibniz está se referindo aos gauleses. No texto latino se usa *ver sacrum*, isto é, *a primavera sacra*: é uma cerimônia propiciatória celebrada em tempos calamitosos que consistia no sacrifício de animais e mesmo crianças nascidos na primavera precedente; daí que teríamos algo como: “Os **gauleses**, visto que, dada sua abundante multidão, as terras que os produziram não mais os mantinham, mandaram 300 mil

vigorosíssima juventude, como *ver sacrum* e à fortuna, eles saíram à procura dos ansiados novos assentamentos. Nem se duvide do acrescentar hérulos<sup>58</sup>, rúgios<sup>59</sup> e os que, para os mais antigos [eram] cimbros<sup>60</sup>; também os saxões, assim como os danos<sup>61</sup> e ainda os jutas, [p. 16] dos quais Tácito não lembra, [mas estamos] seguindo o testemunho de Nigelo, de quem, mais adiante, se tratará.

**XIII** Isto é algo verossímil, quando uma parte das nações mais próximas ofereceu a possibilidade de avançar para as terras mais distantes, ou quando deu exemplo [disso]<sup>62</sup>: por esse tempo os godos e os burgundiões<sup>63</sup> migraram na direção do leste, e os francos na direção do sul, aqueles voltaram-se algo para o sul e estes um pouco para o oeste; aqueles das regiões transoderanas, estes desde as cisoderanas; essa parte invadiu com feroz barbárie as regiões romanas na guerra Marcomânica<sup>64</sup> sob Marco Aurélio<sup>65</sup>.

**XIV** Ermoldo Nigelo<sup>66</sup>, um autor franco, endossa o testemunho do **Geógrafo de Ravena**. O poema dele, ainda não publicado – dedicado ao augusto Luís<sup>67</sup>, o Piedoso,

---

homens para, como [no rito da] *sagrada primavera* [ou *abandonados à própria sorte* – como parece querer Leibniz], procurar os ansiados novos assentamentos”. Quanto à obra de Justino, trata-se de uma coleção de algumas passagens da volumosa **Historiae Philipicae et totius mundi origines et terrae situs (Da história filípica e as origens de todo o mundo e lugares da terra)**; obra escrita pelo historiador quase contemporâneo, tendo morrido depois, de Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.), o galo-romanizado Pompeio Trogo (em latim *Cnaeus Pompeius Trogus*); como seu próprio título deixa claro, trata-se, principalmente, da história do fundador do Império Macedônico Felipe II.

<sup>58</sup> Hérulos: povo cita dos arredores da Lagoa Meótida.

<sup>59</sup> Rúgios: povo germânico das margens do Báltico, próximo à ilha chamada hoje Rügen.

<sup>60</sup> De *cimbri* ladrões em língua gálica, os cimbros são um povo céltico das margens do mar Báltico, habitantes do território que forma os modernos Holstein, Schlesvig e Jutland.

<sup>61</sup> Danos, povo da Quersonesa cimbrica, por neologismo os dinamarqueses.

<sup>62</sup> Os godos e os burgundiões, como se lerá a seguir, deram o exemplo empreendendo a migração para o leste.

<sup>63</sup> Burgundião: habitante da Borgonha (em francês: *Bourgogne*); trata-se de uma região administrativa da França, habitada por, em ordem cronológica, Celtas da tribo dos Gauleses, Romanos e Galo-Romanos, além de vários povos Germânicos, dentre os quais os mais importantes foram os Burgúndios (donde deriva o seu nome atual, a partir de uma forma medieval ‘Burgúndia’) e os Francos.

<sup>64</sup> Marcomânico ou marcomano, adjetivo que diz respeito aos marcomanos, antigo povo germano que esteve sediado entre o Elba e o Óder.

<sup>65</sup> César Marco Aurélio Antonino Augusto (*Caesar Marcus Aurelius Antoninus Augustus*), mais conhecido apenas como Marco Aurélio (121-180 a.C.), foi imperador romano desde 161 até sua morte. Nascido Marco Ânio Catílio Severo (*Marcus Annius Catilius Severus*), tomou o nome de Marco Ânio Vero (*Marcus Annius Verus*) pelo casamento. Ao ser designado imperador, mudou o nome para Marco Aurélio Antonino, acrescentando-lhe os títulos de imperador, César e Augusto. *Aurelius* significa “dourado”, e a referência a *Antoninus* deve-se ao fato de ter sido adotado pelo imperador Antonino Pio.

<sup>66</sup> Ermoldo Nigelo (lat. *Ermoldus Nigellus*, c.790–c.835) seguirá sendo mencionado.

<sup>67</sup> Luís I (778-840), também conhecido como Luís, o Piedoso, ou Luís, o Justo, foi o Rei dos francos e Sacro Imperador Romano-Germânico de 814 até sua morte. Como único filho adulto sobrevivente de Carlos Magno e de Hildegarda de Vinzgouw, tornou-se o único governante dos francos após a morte de seu pai em 814, uma posição que ocupou até à sua morte, salvo pelo período de 833-34, durante o qual ele foi deposto.

[p. 17] em que trata de Haroldo<sup>68</sup>, o dinamarquês, que, no palácio de César, acolhera a fé cristã –, fala claramente que os francos eram aparentados com os dinamarqueses, originados destes, certamente por um lado e, além do que, (como é certo julgar) [seriam] da região próxima à Dinamarca, cujos íncolas são da mesma raça dos dinamarqueses; quiçá o autor se reconcilie com o [**Geógrafo**] **de Ravena** [ao firmar:]

*Este povo chamado por antiga alcunha  
Também chama-se ainda de Dinamarqueses (Deni).  
Os Manos (manni) são chamados também por Francisco pelo nome de Norte  
(Nort),  
Velozes, ágeis e belicosos demasiadamente.  
[p. 18] Este mesmo povo largamente conhecido,  
Vive no mar, vai de barco levar a produção [da terra].  
Esta gente tem uma bela face, formosos pelo trato e pela estatura,  
E ela se refere à origem dos francos.  
César, vencido pelo amor de Deus, teve compaixão desta raça desgarrada,  
E tenta vencer a estes, ganhando-os para Deus.<sup>69</sup>*

XV Denominam-se *daenos* ou *denos*, como nós germanos também fazemos hoje, não *danos*; seguramente por causa do rio *Daena* ou *Dina*, cujo antigo nome era *Êidora*, por *Deninga* (para a foz [ou porta] do rio) pelo vulgo [denominada] *Teringa*, abandonados os vestígios da antiga denominação (*appellationis antiquae*), pois consta que se chame *Êidora* de Heggedor, (como chama [p. 19] *Ditmaro*<sup>70</sup> – por mim restabelecido), isto é, um vale, no qual, próximo à entrada, fora deixado um portão [ou foz], neste vale os daneses (Dani)<sup>71</sup>, desde tempos antigos, fortificaram seus limites; conforme aduzidos por mim na página 29 do Tomo I da **Coleção dos Escritores brunswiquenses**<sup>72</sup>, [que] fui o primeiro a extrair do **Geógrafo de Ravenas** e lancei

<sup>68</sup> Haroldo I da Dinamarca, também designado por Haroldo Dente-Azul ou Harald Dente-Azul (Dinamarquês: *Harald Blatand*; c.935-985/986), era filho do rei Gormo, o Velho, senhor da Jutlândia, e de Thyra. Faleceu combatendo uma rebelião liderada por seu filho Sueno, após ter sido rei da Dinamarca a partir de 958 e rei da Noruega durante dez anos.

<sup>69</sup> Trata-se do verso II, livro IV, da obra **Facta Ludovici Pii (Feitos do [Imperador] Luiz, o Piedoso)** ou **De rebus gestis Ludovici Pii Augusti** ou ainda **Carmina in honorem Hludovici imperatoris** (ou **Caesaris**); obra em quatro livros que trata da vida e ações daquele imperador e de autoria do já mencionado Ermoldo, o Negro (que floresceu entre 824-30), poeta cristão que viveu na corte de Pepino I da Aquitânia (c.797-838), filho do imperador Luis, e que parece tê-lo acompanhado em uma missão até a Bretanha em 824; sua obra também foi publicada na coleção **Monumenta Germaniae Historica**.

<sup>70</sup> Leibniz se refere ao bispo e cronista alemão Dietmar (ou Thietmar, ou Dithmar) de Merseburgo (em latim *Thietmarus Merseburgensis*, 975-1018), durante seu episcopado escreveu sua crônica (**Chronicon Thietmari**, citada na obra e página que serão mencionadas logo abaixo) em oito livros em que cobre o período correspondente aos reinados de Henrique I, os três Otões e Henrique II; como de costume, parte da obra se baseia em crônicas anteriores, tais como a **Res gestae saxonicae** de Viducindo de Corvey e os **Anais** de Quedimburgo; a obra de *Ditmarus*, como o nomeia Leibniz, era praticamente a única fonte da história dos povos eslavos que viviam a leste do Elba, bem como dos poloneses e húngaros.

<sup>71</sup> Dinamarqueses.

<sup>72</sup> Com, na verdade, **Scriptores rerum brunsvicensium illustrationi inservientes, antiqui omnes, et reformatione priores: opus, in quo nonnulla chronica hujus, vicinarumque regionum, et urbium,**

nova luz, se não me engano, às origens tanto dos dinamarqueses (*Danorum*) quanto dos francos (*Francorum*), e mais acima já foi mencionada as antiguidades dos dinamarqueses, que foram elogiados pelos romanos. [O povo] *Parso foi elogiado por Marco, enquanto não conhecia os godos, mas ó onde está o dinarmaquês?* Essa anedota dos romanos o **Geógrafo de Ravena** conservou para nós, a partir da qual os godos parecem ser antepostos aos partos ou persas, e os dinamarqueses aos godos, e é de acreditar-se que ‘Marco’ deva ser entendido como [Marco] Antônio. Mas, ademais, posto que não foi observado por outros, e daqui nada [p. 20] toca o decoro dos povos francos e saxões aparentados com os dinamarqueses. Os saxões são terríveis por causa da agilidade, diria Orósio<sup>73</sup>, mas os dinamarqueses são tidos [como] os mais velozes dentre todas as nações, assim dizia o famoso escritor do [Geógrafo de] Ravena. Já

---

**episcopatumque, ac monasteriorum, praesertim ostfaliae; res etiam atestinatorum, longobardiae, et guelforum superioris germaniae; vitae item hominum illustrium, aut principum; omnia magno studio, sumtuque conquisita etc. continentur.** Leibniz chama atenção para o primeiro volume, de um total de três, que foram publicados em 1707, 1710 e 1711 e com o total impressionante de quase de 3.500 páginas, daquele que é certamente seu trabalho mais importante como historiador, trabalho muitas vezes mencionado com **Collection des Hitoiriens de Brunswig** ou **Recueil des ecrivains de Brunswick**, títulos que chamam atenção para a maior parte do conteúdo da obra, ou seja, para o fato que trata-se de uma coleção do que teriam afirmado vários historiadores de Brunswig ou da casa de Hanôver, mas não é só esse seu conteúdo, evidentemente. Para dizermos apenas o básico, é sabido que desde propriamente 1676 Leibniz passa a trabalhar como bibliotecário para a família Brunswig e podemos dizer que foi por conta, principalmente, de ter de escrever a sua história que ele passa a colecionar vários livros e tudo mais que possa auxiliar a tecer uma “História do povo germânico” em que estaria incluída aquela família; como alguns cronistas antigos, pretendia iniciar sua obra tratando da origem da Terra ou mesmo do mundo e, nesse sentido, sua produção mais importante certamente foi a **Protogaea: uma teoria sobre a evolução da terra e a origem dos fósseis** (publicada apenas em 1749), que depois deveria ser seguida de considerações tecidas a partir das conexões entre as línguas e as nações, ou seja, daquela parte da História, Cronologia, Genealogia, Etimologia, Filologia e Geografia que aparece no **Brevis** (1710) e aqui no **De origine** (1715), mas que, obviamente, são corroboradas por uma série de antigos monumentos e opiniões de autoridades de várias áreas que são apresentadas em vários textos, tais como, dentre outros, **Specimen historiae arcanae** (1696), **Historia arcana sive de vita Alexandri VI. Papae** (1697), as **Novissima Sinica nostri temporis illustratura** (1697 e 1699), **Alberici monachi Trium fontium Chronicon** (1699), **Accessiones historicae quibus potissimum continentur Scripores rerum germanicarum** (1700), **Information sommaire dès droits de sa majesté Le Roy de Prusse à pleine souveraineté de Neufchatel et Valangin** (1706), mais os três volumes do **Scriptores rerum brunsvicensium** (1707-1711) e, dado que parecem apresentar a teoria da história de Leibniz, seus **Codex juris gentiu diplomaticus in quo tabulae authenticae actorum publicorum** (1693) e, aquele que seria seu suplemento, **Mantissa codicis júris gentium** (1700). Nessas obras, mesmo sem ter terminado sua Crônica Universal ou a História dos Brunswig, Leibniz teria conseguido tratar do surgimento da Terra até o início da genealogia dos Brunswig, provando que os germanos tinham origem nos celto-citas, os povos mais antigos da “Ásia” pós-dilúvio, e que aquela família começava em Carlos Magno em 769, continuada pelos imperadores descendentes dele e por cinco imperadores da família ou casa de Brunswig, isto é, Henrique I (da Germânia, 876-936), o Passarinheiro, os três Otões (Otão I, o Grande, 912-973; Otão II, o Velho, 955-983; e Otão III, 980-1002) e Henrique II (o santo Henrique, último monarca da dinastia otôniana do Sacro Império Romano-Germânico, 973-1024). Cf. também as notas finais aos **E.T.**

<sup>73</sup> Paulo Orósio (c.385-c.420), historiador, teólogo, sacerdote e apologista cristão, natural da Hispânia Romana, possivelmente natural de *Bracara Augusta* (atual Braga), então cabeça da província da Galícia. Escreveu a importante **Historiae adversus paganos** (**História ocontra os pagão**) onde parece seguir a opinião defendida por seu mestre, Agostinho de Hipona em a **Cidade de Deus**, com relação à culpa dos pagãos e não dos cristãos pelo saque de 410 a Roma, feito pelos visigodos de Alarico.

notei, aliás, que os dinamarqueses estão compreendidos sob os saxões, segundo Jordane<sup>74</sup> escritor mais antigo dentre aqueles que nós conhecemos. A *Cidade Dônia* (isto é, *Toníngia*<sup>75</sup>) já Etelvardo<sup>76</sup>, autor anglo-saxão de estirpe real, nomeia (*nominat*), no livro para Matilde, filha de Oto M.<sup>77</sup>; quando diz: *O povo saxão fixou-se em todo o litoral desde o Reno até à Cidade Dônia*, quer dizer, até Êidora. E Cambdeno<sup>78</sup> considera, [no livro] **Bretânia**, [no] capítulo sobre os dinamarqueses (*Danis*), que Etelverdo acreditava que os chamados dinamarqueses saíram desta cidade: mas do [nome do] rio, em cujas [p. 21] margens moravam, foram chamados e donde também tira o nome a mesma cidade; e assim a denominação (*appellatio*) foi traduzida (*translata est*), tal qual se fez para os povos que vieram depois, como os hermúnduros (*Hermunduri*)<sup>79</sup> e depois os alemães (*Allemanni*), os mais antigos e mais recentes tinham feito o nome para a Germânia inteira junto aos galeses (*Gallos*).

**XVI** O terceiro argumento aproxima-se das opiniões contrárias, conforme os mesmos antigos patronos, principalmente [contra o livro] **Realizações dos reis francos** quando convocaram os francos desde a Lagoa Meótida. Sabe-se, com efeito, que os escritores dos tempos e lugares longínquos, não raro, tinham confundido a Lagoa

<sup>74</sup> O já muitas vezes mencionado, Jordane ou Jornandes foi um funcionário e historiador do Império Romano do Oriente, que viveu no século VI. Embora tenha escrito uma obra chamada **Romana**, sobre a história de Roma, sua obra de maior interesse é **De origine actibusque Getarum (A origem e as façanhas dos Godos** [MOLLER, D. W. & METZGER, J. E., **De Iordane**. Ratisbona: Litteris Henrici Meyeri, Univ. Typographi, 1690, p. 3]), ou **Gética**, escrito em latim (provavelmente a terceira língua de Jordanes), em Constantinopla, por volta de 551.

<sup>75</sup> Toníngia, Tönning é uma cidade da atual Alemanha, distrito de Nordfriesland, estado de Schleswig-Holstein.

<sup>76</sup> Certamente trata-se de Etelberto (*Fabius Etelbertus*, morto em c.998), historiador anglo-saxão parente do rei de Wessex Alfredo, o Grande (849-899); sua crônica em quatro livros ficou conhecida por seu nome, **Fabii Ethelwerdi chronicum libri quatuor** e, como muitas outras, pretendia começar desde “o início do mundo” para chegar próximo ao ano em que estava sendo escrita, ou seja, até por volta de 975. Ao que tudo indica foi escrita a pedido daquela a quem é dedicada a obra, ou seja, da filha de Otão, a abadesa de Quedlimburgo Matilda da Germânia (955-999); ao que Leibniz fará menção logo a seguir.

<sup>77</sup> A letra M certamente é a abreviatura do termo “Magno”, trata-se, como já o indicamos, da filha de Otão, o Grande (*Magno*), que do segundo casamento com Adelaide da Suábia teve quatro filhos, dentre os quais Matilde da Germânia.

<sup>78</sup> Leibniz se refere ao historiador e cartógrafo inglês William Camden (1551-1623), para o que mais nos interessa aqui, foi reconhecido como o criador do primeiro atlas moderno o **Theatrum orbis terrarum (Teatro do orbis terrestre)**, também foi o autor da obra acima mencionada, **Britannia**, de 1586, onde oferecia uma descrição topográfica da Grã Bretanha e que continha como 12º capítulo “*Dani*”, ou seja, sobre os dinamarqueses; as duas obras foram realizadas com o apoio do geógrafo e cartógrafo flamengo Abraham Ortelius (1527-1598); *Cambdenus* também escreveu a obra **Annales rerum gestarum angliae et hiberniae regnante Elizabetha** (1615-1625), onde fazia a cronologia da história da Inglaterra sob o reinado de Isabel I da Inglaterra (ou Elizabeth I, 1533-1603), esta obra foi depois anotada pelo filósofo Francis Bacon (1561-1626). Leibniz corroborará, a seguir, sua hipótese de que os nomes de povos e cidades tem origem em apelativos, no caso, em nomes de rios etc.

<sup>79</sup> Os hermúnduros (*Hermunduri*, *Hermanduri*, *Hermunduli*, *Hermonduri*, ou *Hermonduli*) eram uma antiga tribo germânica, atestada pelo historiador romano Tácito e que, segundo o qual, ocuparam a área em torno do que agora corresponde à Turíngia, Saxônia e o Norte da Baviera, no período compreendido entre o primeiro e terceiro século d.C. (cf. **De origine et situ Germanorum**, p. 41-2).

Meótida com o Mar Báltico, o que também Adão de Brêmen percebera, no livro [**Gesta**, parte] IV<sup>80</sup>: *Talvez*, (disse ele) *tendo mudado os nomes, cuidou que aquele estreito* (o Mar Báltico) *foi chamado de Lagoa Cita ou* [p. 22] *Meótida*. Temos um exemplo claríssimo em Procópio<sup>81</sup>, que, no [**De belli**], livro I[II] da “Guerra dos Vândalos”, conta que o povo vândalo primeiramente assentou-se às margens [da lagoa] Meótida, que tinha vindo desde o Mar Báltico, segundo consta em Tácito<sup>82</sup> e outros. E tampouco acrescentarei (pois de um amigo<sup>83</sup> não se suspeita grosseiramente) que a região próxima ao Rio *Panim* foi erroneamente chamada Panônia<sup>84</sup> e Friga pôde ser chamado de rei,

<sup>80</sup> Adão de Brêmen (provavelmente antes de 1050-1081 ou 1085), clérigo e teólogo, foi um dos mais importantes cronistas e historiadores alemães da Idade Média; Leibniz se refere ao livro **Gesta hamburgensis ecclesiae pontificum** (**Realizações dos bispos da Diocese de Hamburgo**, escrito por volta de 1075), ou simplesmente **Gesta**, um dos manuscritos mais importantes como fonte histórica, geográfica etc. para obter informações sobre a Alemanha setentrional e a Escandinávia, bem como as antigas conexões entre saxões, wendos e povos nórdicos. Na última parte da obra **Gesta**, sua IV parte ou *Descriptio insularum aquilonis* (*Descrição das ilhas do norte*), no escólio 115 ao capítulo 10 e no capítulo 20, encontramos as seguintes afirmações: “*Schol. 115* [cap 10]. *Mare orientale seu mare Barbarum sive mare Scithicum vel mare Balticum unum et idem est mare, quod Marcianus et antiqui Romani Scithicas vel Meothicas paludes sive deserta Getarum aut Scithicum littus appellant* (O mar oriental ou mar bárbaro ou mar cítico ou mar Báltico é um só e mesmo mar, que Marciano e os antigos romanos chamavam de lagoa cítica ou meótica ou desertos dos Getas ou Cítico)”; “*Cap. 20. Haec habui quae de sinu illo Baltico dicerem, cuius nullam mentionem audivi quempiam fecisse doctorum, nisi solum, de quo supra diximus, Einhardum* [770-840, escreveu **Vita Karoli Magni**]. *Et fortasse mutatis moninus arbitror illud fretum ab antiquis vocari paludes Scithicas vel Meoticas, sive deserta Getarum, aut litus Scithicum, quod Martianus* [Marciano Capela, fl 410-20, escreveu **De nuptiis Philologiae et Mercurii**] *ait: ‘confertum esse multiplici diversitate barbarorum’* (Estas coisas que precisei dizer a respeito daquele golfo Báltico, do qual nenhum menção ouvi que algum doutor tivesse feito, senão somente Einhardo, de quem acima dissemos. E considero [arbitror], talvez, que, tendo mudado os nomes, aquele estreito [fretum] era chamado pelos antigos de lagoa cítica ou meótica, ou [ainda] desertos dos Getas ou também costa [litus] cítico, que Marciano diz: “era repleto de uma múltipla diversidade de bárbaros”).”

<sup>81</sup> Procópio de Cesareia (em grego Προκόπιος ὁ Καισαρεύς; em latim *Procopius*) foi um destacado historiador bizantino do século VI; escreveu, em grego clássico, a obra **Polemon** (em latim **De belli**) em oito livros, parte de seu conteúdo se refere à campanha do mais famoso líder militar do Império Bizantino Flávio Belisário (505-565) na guerra contra os sasânidas (livros I e II), os vândalos no norte da África (livros III e IV) e os ostrogodos (livros V, VI e VII); assim, Leibniz se refere ao que é dito no início do livro III, quando Procópio está enunciando o lugar de onde teriam vindo os exércitos vândalos, justamente quando menciona o termo grego Μαῖωτις (Meótida). Procópio também escreveu as obras **Historia secreta** (**Anedocta**) e **Sobre os edifícios**.

<sup>82</sup> Parece que o primeiro historiador a utilizar o termo “Mar Báltico” foi o mencionado há pouco Adão de Bremen, Tácido o menciona como “*Mare Suebicum*” e em sua obra **De origine et situ Germanorum** ou simplesmente **Germania**, à qual Leibniz certamente e mais uma vez faz referência acima, afirma no §45 “*Ergo iam dextro Suebici maris litore Aestiorum gentes adluuntur, quibus ritus habitusque Sueborum, lingua Britannicae proprior* (Por conseguinte sobre a margem direita do Mar Suévico [ou Mar Báltico] residem os povos Aestios [ou Estianos], que em modos e vestimentas se aproximam dos Suevos e em língua mais dos Britânicos [ou Bretões]).”

<sup>83</sup> Talvez Leibniz esteja se referindo à sua concordância mencionada com Adão de Brêmen, daí seu amigo, tendo em vista que em sua obra **Gesta** menciona várias vezes o Rio Paní (*Panis fluvius*), talvez se refira de fato ao rio alemão Peene, que é um dos três canais, junto com os Swinae e Dzwina, que liga a lagoa Oder com a Bahia Pomerânia do Mar Báltico, de qualquer modo nada teria a ver com a região da Panônia.

<sup>84</sup> Panônia é o nome de uma antiga província do Império Romano delimitada no norte e no leste pelo Danúbio, a oeste faz fronteira com a Nórica e o norte da Itália, e para o sul, com a Dalmácia e o norte da Mésia. Em seu território estão hoje a Hungria, a porção oriental da Áustria, o norte da Croácia, o noroeste

consoante Fredegário (se há algo de verdadeiro nisso), talvez tenha sido chamado Fricão<sup>85</sup>, de cujo nome uns príncipes nortistas foram contados entre os deuses, como fica claro dentre os longobardos de Paulo, o diácono. Também Fredegário, se bem que por uma narração confusíssima, assinala a sede dos antigos francos numa parte junto ao Oceano<sup>86</sup>.

**XVII** Portanto, a primeira sede<sup>87</sup> [p. 23] dos francos foi apresentada pelo **Geógrafo de Ravena** e também por Ermoldo Nigelo [como sendo] entre o Elba e o Mar Báltico. Fazemos notar que a outra sede deve ser encontrada entre o Elba e o Rio Visurge, segundo o prefácio da **Lei sálica**<sup>88</sup>; fazemos ver que até hoje foi muito pouco entendida [a afirmação sobre a segunda sede]<sup>89</sup>. A terceira, conforme consta dos escritores romanos, deve ser localizada entre o Visurge<sup>90</sup> e o Reno, donde, entretanto, cruzando o Reno, avança-se para as regiões romanas, dos vencidos alemães (*Allemannis*)<sup>91</sup>, burgundiões e visigodos, na parte galesa, para fundar o reino florentíssimo da Germânia.

da Sérvia, a Eslovênia, a porção ocidental da Eslováquia e o norte da Bósnia e Herzegovina.

<sup>85</sup> Fricão ou Frico não há uma etimologia muito clara quanto a esse nome, mas parece que Frico refere-se à mitologia germânica, sendo um deus equivalente a Priapo, segundo Adão de Brêmen (cf. **Hist. Eccl.** c 233); outros acham que se refere a Freyer, conforme o **Edda Sæmundar hins Fróða**, pars III, Copenhagen, 1828.

<sup>86</sup> Com ‘*Oceanus*’ ou ‘*mare Oceanus*’ (cf. § VI, nota 448) se queria indicar Oceano Atlântico, Leibniz certamente se refere às afirmações feitas por Fredegário em sua **Crônica**, cf. cap. XX e XXIV.

<sup>87</sup> Cremos que tais três sedes é que organizaram aqueles três argumentos mencionados no § XVI.

<sup>88</sup> A **Lei Sálica** é um código de leis seculares que deve seu nome aos francos sális ou sálicos, que a compilaram e a publicaram em latim no século V (no começo da Alta Idade Média) por ordem do rei Clodoveu I para que fosse inteligível a todos seus vassalos, que podiam entender o latim por ter estado sob o domínio do Império romano até o início desse século, a saber do século V. Foi a base da legislação dos antigos reis francos até sua extinção e a aparição do moderno reino da França entre os séculos IX e X. É mais conhecida por causa da regulamentação da sucessão monárquica a favor dos homens e contra as mulheres, mas regulava também outros aspectos e assuntos, como herança, crimes, lesões, roubo, feitiçaria ou malefício etc., e teria sido um importante elemento aglutinador num reino como o franco, composto por vários grupos e etnias.

<sup>89</sup> É o que Leibniz vai esclarecer a seguir, vide §XXIV.

<sup>90</sup> Parece que foi o exame da origem e significado do vocábulo ‘Weser’, referente ao rio, e sua associação com o vocábulo latino ‘Visurgis’ empreendida nos **N.E.** III, II que permitiram a Leibniz formular a hipótese referente à terceira sede dos francos, cf. também **E.T.** §141. Parece que o primeiro geógrafo-historiador a utilizar propriamente o vocábulo latino ‘*Visurgis*’ foi o romano Pompônio Mela (em latim *Pomponius Mela*, fl 40 d.C.) que em sua obra **De Chorographia liber tertius** ou **De situ orbis libri III (Sobre as localidades do mundo em três livros)**, obra citada pelo italiano Plínio (23-79), o Velho, afirmou no livro III, §25: “*Montium altissimi Taunus et Retico, nisi quorum nomina vix est eloqui ore Romano. Amnium in alias gentes exeuntium Danuvius et Rhodanus, in Rhenum Moenis et Lupia, in oceanum Amissis, Visurgis et Albis clarissimi* (Dos montes os mais altos são o Tauno [ou Tauro] e o Rético, salvo aqueles nomes que os homens não podem pronunciar bem em romano [ou em latim]. Dos rios que saem para outras nações, os mais famosos são o Danúbio e o Ródano, dos que se dirigem para o Reno, Menis e Lupia, [e dos que se dirigem] para o oceano, Amissie, **Visurge** e Albis [ou Elba])” (grifo nosso). Em Tácito (c.56-c.117) podemos encontrar a expressão ‘*Flumen Visurgis Romanus*’ (**Annales**, livro II, §IX).

<sup>91</sup> Em português há um problema com o termo *alemão*, pois que este serve para designar tanto a o povo da *Germania* quanto a tribo dos *allamanos*.

XVIII Consta que a Lei sálica<sup>92</sup>, que, com outras leis antigas das nações germânicas, há muito tempo promulgada, ainda subsiste, foi exarada pelos francos, quando ainda não tinham recebido o Cristo. É óbvio também que não tinham ainda reis, [p. 24] mas só depois dos saxões nesta nossa Germânia.

*Quantas forem as aldeias,  
tantos serão os líderes,*

como diz um antiquíssimo poeta saxão. Pois, como se diz no próprio prefácio da Lei [sálica], que de várias aldeias confluíram legados para instituir a Lei, não há ali qualquer menção a rei ou príncipe. E Otrfrido, acima referido, parece dizer que os antigos francos não tinham um rei. Posto que hoje, na Lei sálica, foi inserido algo sobre rei, leis cristãs, sobre Ambáscia, domingo e leis semelhantes, claramente posteriores; tendo em vista que tal lei [fora] já anteriormente escrita, contada e interpolada como consta do mesmo prefácio, sob Clodoveu<sup>93</sup>, Teodorico<sup>94</sup>, Childeberto<sup>95</sup>, Clotário<sup>96</sup>, Dagoberto<sup>97</sup>.

XIX Muitos acreditam que os francos [p. 25] habitavam além do Reno, na Bélgica, certamente na região dos tungros e dos aduatucos, nas vizinhanças do Mos, do Scaldis e dos rios próximos; onde agora é o domínio leodiense, o ducado brabantino e o condado da Flândria, este era o parecer de Jean-Jacques Chiffletii<sup>98</sup>, que também Godofrido Wendelino<sup>99</sup> esforçou-se para dar um lugar sólido em particular no livro

<sup>92</sup> Novidade com relação aos **N.E.** e ao **Brevis**, com a menção à Lei Sálica Leibniz passará a tecer considerações sobre as hipóteses de historiadores que pensaram a origem dos francos a partir dela.

<sup>93</sup> Clóvis I ou Clodoveu I (c.466-511) foi o primeiro rei dos francos a unir totalmente a nação bárbara.

<sup>94</sup> Teodorico I (c.485-533 ou 534) foi o rei merovíngio de Metz e Reims, ou Austrásia de 511 a 533 ou 534. Ele era filho de Clóvis I, rei único dos francos.

<sup>95</sup> Childeberto I (c.497-558) foi o rei franco de Paris, da dinastia merovíngia era um dos quatro filhos de Clóvis I que dividiram o reino herdado após a morte de seu pai em 511.

<sup>96</sup> Clotário I (498-561), um dos quatro filhos de Clóvis I, foi rei dos francos. Nasceu em Soissons.

<sup>97</sup> Dagoberto I (604-639) foi rei da Austrásia (623-634) e rei da Nêustria e da Borgonha (629-639). Foi o último monarca merovíngio a exercer algum poder real.

<sup>98</sup> Trata-se do, dentre outras coisas, historiador e médico francês Jean-Jacques Chifflet (em latim *Iohannis Jacobi Chiffletii*, 1588-1660), pai dos também historiadores Jules Chifflet (1615-1676) e Jean Chifflet (1614-1666); Chifflet menciona várias vezes a ‘Lei Sálica dos Francos’ e, para não lembrar muitos outros citados no **De origine**, o também historiador Godofrido Wendelino em seu **Anastasis Childerici I Francorum Regis, sive Thesaurus Sepulchralis Tornaci etc. (A ressurreição de Childeric I [ou Quildérico], rei dos francos, ou o tesouro funerário de Tournai)**. Quildérico I (c.436-c.482) foi rei federado e possuía as honras de um general romano, foi o chefe civil e militar da província romana da *Belgica Secunda*, foi o primeiro rei merovíngio dos francos salinos de 457 até sua morte em 482.

<sup>99</sup> Trata-se do já mencionado Godofrido Wendelino (ou Wendelino, 1580-1667) ou *Gottefrid Wendelino*, como consta na capa de sua edição da **Leges Salicae illustratae: illarum natale solum demonstratum: cum glossario salico vocum advaticarum**, de 1649. *Wendelino* ficou mais conhecido por seus trabalhos em “astronomia” e, como muitos outros autores já mencionados aqui, era uma espécie de geógrafo-historiador naquele sentido em que o foi também Ptolomeu; para o que interessa a Leibniz, a parte mais importante de sua **Leges Salicae** é a que se refere à demonstração do solo de nascimento das tais leis, é ali, depois de enunciados seus 80 títulos ou artigos (pp. 1-52), que encontraremos as considerações sobre

sobre o nascimento da Lei sálica.

**XX** Mas consta que os francos fixaram tardiamente sede na Gália Bélgica, e mais abaixo ainda se dirá mais. E, além disso, são muito pífios os argumentos de Wendelino, alguns chegam a ser ridículos. As palavras germânicas, esparsas na edição heroldina, e usadas na [edição] de Malberge<sup>100</sup>, com as quais, geralmente, se indicam os capítulos mais importantes da obra, e foram tão bem explicadas em muitas passagens pelo [meu] amigo João Jorge Ecardo<sup>101</sup> (a quem [p. 26] muito deverá a língua alemã), ele também preparou uma nova edição de tão grande recordação da antiguidade teutônica, e que trará à luz muitas coisas importantes. Wendelino, entretanto, sem nada entender nelas, dali organizou os nomes das vilas barbantinas, nas quais tinham morado os malos<sup>102</sup>, causa provável das instituições das Leis sálicas; omiti outras coisas por serem inúteis.

**XXI** Além do mais, uma leitura mal feita de Gregório de Tours levou ao erro, segundo o qual se leu Tângria; a partir disso, acreditou-se que os francos egressos da Panônia, oportunamente atravessaram o Reno em Tongres<sup>103</sup>; como Ruinart<sup>104</sup>, o mais recente e mais empenhado editor de Gregório, percebe muito bem, [e] em quase todos os códices e manuscritos, [p. 27] é Turíngia que se lê, como também o leram todos os mais antigos copistas de Gregório.

**XXII** O próprio Gregório assim escreveu: *Muitos dizem que os mesmos [francos] saíram da Panônia, e que, na verdade, habitaram, primeiramente, às margens do rio Reno, e dali, tendo atravessado o Reno, passaram além na direção de Turíngia (Thuringiam), e que ali, próximo a povoados e cidades, criaram acima de si reis com longos cabelos*<sup>105</sup>. Mas Turíngia é mais próxima da Panônia do que o Reno; e a partir da

a origem dos francos com relação ao rio Reno, especialmente nos capítulos IV a XV (cf. p. XII, 67, 75, 83, 88, 95, 98 e 102), considerações que também mencionam autoridades e monumentos.

<sup>100</sup> Pouco mais à frente ficará claro o que quer dizer ‘Malberge’.

<sup>101</sup> Primeiramente há que notar a volta às coisas da antiguidade teutônica, restabelecesse assim a ligação dos francos com os teutônicos e volta a questão da língua e dos vocábulos, (cf. §IX). Tanto o já muitas vezes mencionado João Jorge de Ekhart/Ecardo, quanto Cislécio, Wendelino e Heroldo escreveram estudos sobre a Lei sálica.

<sup>102</sup> Malos, habitantes de Malo, cidade da Cilícia.

<sup>103</sup> Tongres ou Tongeren (em francês *Tongres*) é uma cidade e um município da Bélgica localizado no distrito de Tongeren, província de Limburgo, região de Flandres; está situada perto de Lieja; era conhecida pelos romanos como Aduatuca ou Atuatuca Tungroro (*Aduatuca/Atuatuca Tungrorum*); a partir do que será mencionado no §XXX ficará claro que foi certamente em *Moguntiacum* (em francês *Mayence*), atual cidade alemã de *Mainz*, que os francos atravessaram.

<sup>104</sup> Dom Thierry Ruinart (1657-1709) foi um sábio beneditino, historiador eclesiástico francês, monge beneditino de São Mauro. Na edição cuidada por Ekhart/Ecardo o nome aparece como *Ruinardus*.

<sup>105</sup> Leibniz se refere ao **Historia francorum**, II, 9, onde temos: “*Hanc nobis notitiam de Francis memorati historici reliquere, regibus non nominatis. Tradunt enim multi, eosdem de Pannonia fuisse degressus, et primum quidem litora Rheni amnes incoluisse, dehinc, transacto Rheno, Thoringiam*”

margem do Reno que vai para a Turíngia não é preciso atravessar este mesmo rio. E, por isso, Valésio interpreta [como se referindo ao rio] Meno, em vez de Reno.

Assim o certo é que para Gregório [de Tours], que acreditava nas origens panônicas dos francos, a causa (*ratio*) das palavras ainda permanecerá. Mas o próprio fato (*res ipsa*) está de forma muito diferente, e os francos não vieram do Danúbio, mas do Elba (*Albi*) dirigiram-se [p. 28] para a Turíngia (como agora se chama a região).

**XXIII** Outros homens doutos acreditavam que a Lei sálica fora estabelecida nos arredores do rio Ísala, ou melhor, Íssela. Mas não apareceu jamais que [o rio] Íssela fosse dito Sala, esta afirmação não encontra sustentáculo em nenhum indício; apesar de constar que mais tarde os francos sálidos estavam estabelecidos na ilha batava. Entretanto, eles não vieram do rio Íssela, mas do rio Sala francônico, donde recebem o nome, como já está bem claro.

**XXIV** Portanto, a segunda sede dos francos e a origem da Lei sálica estão otimamente demonstradas no prefácio daquela mesma lei. Ali, são lembradas três aldeias francas: Salageve, Bodogeve e Vindogeve, conforme a edição de Heroldo<sup>106</sup> (ou como alguns antigos têm lido, o que [p. 29] restitui o mesmo [vocábulo]: *Salaheim, Bodoheim e Windoheim*), onde em três [aldeias] malas uma após a outra reuniram-se a partir das quatro aldeias primárias (Visogeve, Bodogeve, Vindogeve e Salageve) os legados ou deputados: *Wisogast, Bodogast, Windogast e Salagast*; que não são nomes próprios de pessoas (como pensou Valésio, que, por isso, suspeitou delas), mas sim denominações de regiões, donde vieram como embaixadores. *Gast*, com efeito, significa hóspede ou o que vem e, quiçá, por força da própria etimologia [é] relativo a *Goam*,

---

*transmeasse, ibique iuxta pagus vel civitates regis crinitos super se creavisse de prima et, ut ita dicam, nobiliore suorum familia. Quod postea probatum Chlodovechi victuriae tradedirunt, itaque in sequenti digerimus.* (Estas são as informações que os historiadores que temos falado nos deixaram dos francos, sem nomear os reis. Muitos dizem que os mesmos [francos] saíram da Panônia, e que, na verdade, habitaram, primeiramente, às margens do rio Reno, e dali, tendo atravessado o Reno, passaram além na direção de Turíngia [ou Toringia], e que ali, próximo a povoados e cidades, criaram acima de si [ou para os comandar] reis com longos cabelos na primeira e, por assim dizer, na mais nobre de suas famílias. Como as vitórias de Clóvis [I (c.466-511)] asseguraram este título à sua família é o que mostraremos na sequência)”. Parece que ter cabelos longos sobre os ombros era a marca dos príncipes merovíngios.

<sup>106</sup> *Johannes Basilius Herold* (1514-1567) foi um corretor, editor e tradutor suíço. “De acordo com K. A. Eckhardt, editor da *Lex Salica* dentro dessa coleção, haveria ao menos duas leis sálicas distintas: uma, elaborada no Período Merovíngio, denominada *Pactus legis salicae*, e outra, referente ao Período Carolíngio, chamada simplesmente *Lex Salica*. Ainda segundo o mesmo editor, a primeira das leis possuiria quatro famílias distintas, nomeadas “A” (507-511); “B” (511-533); “C” (567-593) e “K” (reescritura datada do Período Carolíngio). Haveria, ainda, uma tradição “H”, consistente em edição realizada por Johannes Herold[o], no ano de 1557, com base em manuscritos perdidos das famílias “B”, “C” e “K”. A *Lex Salica*, por seu turno, compor-se-ia pelas famílias “D” (763-764) e “E” (versão corrigida da família “D”, de 798).” (BRUNNER, Murilo Castineira. *Lex salica*. In: *Revista da Faculdade de Direito da USP*, v. 111, jan/dez 2016, p. 410). Vide também §XXIX onde Leibniz menciona a edição linebrogiana.

*Gau* ou *Geve*, γαίαν, região da qual é morador. Assim também *Salagast* é um homem a partir de *goa* ou [alguém] que vem da aldeia *sálica*, e o mesmo vale para as outras. Os nomes enunciados de forma corrompida pelos escritores Adônis, Sigeberto, Ivo<sup>107</sup> e outros são corrigidos a partir do antiquíssimo **Códex** de leis germânicas [p. 30] de Fulda<sup>108</sup>, o qual Heroldo segue, e pela mesma razão são muito bem entendidos.

**XXV** Ademais, a localização da aldeia *Salageve* [ou seja, Sala], como parece ser o hábito mais forte<sup>109</sup>, deu o nome também à Lei inteira, apesar de ter sido só em parte ali estabelecida; não aprendi [isso] por conjecturas, mas de monumentos antiquíssimos, anteriores e contemporâneos a Carlos Magno<sup>110</sup>. Restam, naturalmente, as narrativas (*Tradictiones*) feitas no mosteiro de Fulda (*Fuldensi Coenobio*), que, em parte, João Pistório<sup>111</sup> publicou e, em parte, eu mesmo consegui em Fulda, onde em textos a respeito dos tempos de Pepino, o primeiro rei, e depois de uns poucos dados frequentemente se encontra uma aldeia *Salageve*, firmada junto ao rio Sala, não túringico, como muitos acreditavam, mas francônico, que flui mais ou menos pelo lado direito do Meno [p. 31] donde se diz Geminda. Ficando patente, como [é] a partir dos lugares situados na aldeia, dos quais se faz menção ali, que hoje [aqueles nomes] se sobressaem.

**XXVI** Este é ainda o rio Sala, para o qual Carlos Magno algumas vezes se dirigiu, e onde erigiu um palácio, cujo nome ainda hoje sobrevive em *Konigs-hofa*<sup>112</sup>, um vilarejo ou mesmo um palácio, que existiu como o atesta um antiquíssimo poeta saxão:

<sup>107</sup> O já muitas vezes mencionado, Sigeberto de Gembloux (1030-1112) foi o autor belga que escreveu, dentre outros, o livro **Vita Sigeberti III Regis Austrasiae** (**Sobre a vida de Sigeberto III: rei [franco] da Austrásia**). Leibniz também se refere aos cronistas santo Adone (Ado ou Adonne) – arcebispo de Vienna (799-875), autor de, dentre outras **Martirologio**, **Miracula** e **Chronicon sine breviarium Chronicorum de sex mundi aetatibus de Adamo usque ad ann 869** (crônica baseada no trabalho de Beda) – e santo Ive (Yves ou Ivone, 1040-1116) – bispo de Chartres, autor de, dentre outras, as canônicas **Tripartita**, **Decretum** e **Panormia** e da que certamente mais interessa aqui a **Breve chronicon de regibus francorum**.

<sup>108</sup> Nesse e no próximo parágrafo Leibniz menciona a localidade associada ao rio Fulda, Alemanha central, ou melhor, o monastério ou mosteiro (*Coenobium*) beneditino de Fulda, fundado em 744, uma importante fonte dos documentos sobre a Germânia que têm sido mencionados aqui.

<sup>109</sup> Assim, com a expressão “*qui videtur habitus potissimus*” Leibniz explicita mais uma vez o hábito de tomarmos como nome o apelativo ou a denominação referente a um nome de rio, de floresta, localidade etc., no caso trata-se do rio “Sala francônico” mencionado mais acima, no §XXIII.

<sup>110</sup> Novamente a menção a Carlos Magno (742-814) que foi rei dos francos entre 768 e imperador do ocidente (*Imperator Romanorum*) desde 800 até a sua morte em 814; trata-se da origem da dinastia Carolíngia (de Carlos), à qual ele deu o seu nome.

<sup>111</sup> João [Johann] Pistorius, o jovem, (1546-1608) foi um historiador alemão e polemista. Filho do pastor protestante Johann Pistorius, o velho (1504-1583).

<sup>112</sup> *Konigs-hofa* a partir de *konig*, aquele que rege, real, (vide **Brevis** p. 3 do original) e *hofa*, do proto-germânico *hufa* ou alto alemão *hof*, residência, corte, palácio, certamente querendo dizer residência de um nobre.

*Nascida às margens do Sala*<sup>113</sup>.

Ainda que alguns mantivessem que fora ocupado o Sala turingio em lugar do Salafelda. Nota o poeta que os saxões foram recebidos ali e igualados aos francos por uma aliança perpétua para uma república comum.

XXVII Diz-se que as aldeias *Bodogeve* assim como *Wisogeve* têm suas denominações a partir do rio Boda, que corre no sopé dos montes *Harzicores*, e do *Wisera* (que os latinos [p 32] chamam *Visurge*), [designação] que convém muito bem. E fez parte da aldeia *Bodogeve*, a que depois se chamou aldeia *Hartegau*. De fato, frequentemente, mantendo-se os nomes das aldeias menores, são desprezadas as denominações (*vocabula*) das aldeias maiores, que designam províncias. Também, frequentemente, assim como o nome duma aldeia maior, antes tomado dum rio, será mantido o de uma parte pequena. Desse modo, com aldeia *Leingau* se disse a nossa *Leina*<sup>114</sup>, depois que se manteve o nome somente da parte superior de *Leina* nas proximidades de Gotinga. Já *Windogeve* não posso fazer [voltar] a designação (*designare*) assim tão bem; talvez o rio *Unstruta*, que atravessa Turinga, naquele primeiro momento *Windrista* (quase com este mesmo nome um outro rio alimenta *Hildésia*, pois consta que a letra *W* inicial é omitida frequentemente<sup>115</sup>) omitida [p. 33] a

<sup>113</sup> Leibniz se refere à parte do poema atribuído ao poeta saxão (*Poeta saxo*) ou aos poetas saxões (*Poetae saxones*), que não conseguimos saber quem são; poema que consta na **Monumenta germaniae historica**, 1826, p. 246 (ano 790, ind. 12, v. 17-22): “*Est aggressus iter Moinum navale per annem / Ascenditque per hunc, donec prope moenia venit / Magna palatinae sedis, Salt nomine dicta. / Nascenti vicina Salae; nam fluminis huius / Rivus adhuc modicus haec ipsa palatia cingit, / Vix raucum per saxa ciens resonantia murmur* (Sondou o caminho naval pelo rio Meno / e subiu por ele, chegando próximo à muralha (*moenia magna*) da sede do paço imperial, chamada pelo nome Salt. / Nascida próxima ao Sala, pois que um braço (*rivus*) deste rio / conquanto de extensão regular circunda o próprio palácio, / apenas fazendo um ruído rouco reboando por entre as pedras)” (grifo nosso). O que virá a seguir se refere ao que é afirmado a partir da p. 260 (ano 803, ind. 10, v. 1 e ss.): “*Nobilis hic annis longi certamina belli / Tandem Saxones inter Francosque peracti / Firmo perpetuae conclusit foedere pacis. / Augustus pius ad sedem Salz nomine dictam / (...) Saxones patriis et libertatis honore. / Hoc sunt postremo sociati foedere Francis, / Ut gens et populus fieret concorditer unus, / Ac semper regi parens aequaliter uni* (Este nobre rio enfim concluiu as batalhas de uma longa guerra / Havida entre saxões e francos / com uma estável aliança [ou federação] perpétua de paz. [Antonino] Augusto Pio junto ao assentamento chamado Salz (...) os saxões pela pátria e em honra da liberdade (...). Por isso, em suma, associaram-se em federação aos francos, para que se tornassem uma nação e um povo uno em concórdia, e sempre obedecendo igualmente a um único rei)” (grifo nosso).

<sup>114</sup> Leibniz certamente está se referindo às cercanias do rio alemão *Leine*, às suas margens fica Hannover, pouco mais ao norte de Gotinga e próxima a Hildesheim (talvez associada a *Hildesia*), cidade cortada pelo rio *Innerste*, certamente por conta disso tudo “*a Leina nostra*”; o mesmo rio *Leine* também passa pelo estado alemão de Turinga ou Túrúngia, que tem como rios mais importantes os mencionados *Saale* e *Unstrut* (*Unstruta*), bem como o *Ilm*, *Werra* e o *Weiße Elsters* (por conta da letra inicial *W*, talvez a conjectura de Leibniz se refira a um desses dois últimos vocábulos). Devemos prestar atenção ao fato que Leibniz lançará mais uma hipótese para a atribuição de nomes que faz corromper suas origens, ou seja, os nomes das aldeias (*pagus*) menores tomam o lugar dos das maiores, que anteriormente preservavam melhor os nomes de rios, florestas etc, que seriam sua origem, e, como será dito no §XXXVIII, muitos se enganam ao falar que as antigas origens dos francos seriam propriamente essas cidades pequenas.

<sup>115</sup> Cf. **Brevis** p. 07 e 14 do original.

terminação [*rist*] se chama *Winda*.

**XXVIII** A partir destas principais ou maiores aldeias francas (de fato, muitas [aldeias] pequenas que estão contidas nas maiores), há a propensão de coligir os francos dos montes Harzicos, donde o Boda deságua (claro que não diretamente) no Elba; há ainda a tendência de que se difundiram até ao Meno, no qual o famoso Sala deságua; também, por conseguinte, que tiveram uma parte da região bunsviquense e halberstadense, bem como parte da Hássia, quase toda a Turíngia e parte da hodierna Francônia; também, certamente, que depois vieram à região dos longobardos, dos queruscos e dos catos, mas principalmente dos hermúnduros; ou ainda constituíram um só corpo com outros, aqueles que ainda não tinham saído por migrações anteriores. É então crível que um monte [ou tropa] de homens [p. 34] tenha vindo do Mar Báltico, cresceram mais ou menos como uma bola de neve e graças aos encontros, forçosa ou espontaneamente, foram agrupados<sup>116</sup>. Por conseguinte, tinham as fronteiras [seguintes]: ao sul, o Meno; ao norte, os montes Harzicos; ao oeste, o Visurge, reunido ao afluente Fulda; ao leste, o Sala, [na região da] Toringa, afluente do Elba, e depois o próprio Elba. E como alhures já mostrei, eles ocuparam principalmente a região dos hermúnduros, a quem propriamente convinha o nome de germanos; deste fato penso, como s. Jerônimo e outros notaram, que então os francos desde longa data tenham sido chamados germanos.

**XXIX** Depois da migração (*migratione*) a lugares mais longínquos, pensando em atravessar também o Visurge, os francos direcionaram o ânimo para ajuntar leis, que, escritas na língua pátria (*patrio sermone*) [p. 35], pudessem compreender; donde nos preceitos ou *Malberges*<sup>117</sup> [temos] as relíquias em uso que designam os direitos civis mais elevados da ação prática (*summa rei capta*)<sup>118</sup>; (como o sinal (*vox*) *Malb*. A

<sup>116</sup> No *Brevis*, logo após mencionar Jordanes (p. 14 do original, cf. nota xxx) Leibniz já havia usado expressão semelhante, aqui “*globum hominum a Balthico mare venientium, instar pilae nivis in itinere, aliis sive per vim, sive sponte accedentibus crevisse*” lá “*Sane in Gothorum, ut in Cimbrorum Francorum Saxonumque migrationibus, credendum est venientes a remotis locis, instar pilae nivis crevisse, obviis vi vel sponte in expeditionem nomemque accedentibus*” (Seguramente, quanto às migrações dos godos, assim como dos cimbrós, dos francos e dos saxões, acreditou-se terem vindo de lugares remotos; cresceram mais ou menos como uma bola de neve e graças aos encontros, forçosa ou espontaneamente, foram agrupados em expedição e em nome.)”, onde também já havia utilizado as expressões *juvenum globum* e *globus virorum* que traduzimos por “um monte [ou tropa] de jovens” e “um monte [ou tropa] de homens vigorosos”. A seguir, concluindo a questão geográfica, Leibniz vai circunscrever a região de onde teriam vindo os francos segundo fatos atestados por várias autoridades.

<sup>117</sup> Leibniz certamente está se referindo à inscrição feita na Lei sálica que indicava o comentário ou *glosa* feita pelos francos.

<sup>118</sup> Com a expressão “*summa rei capta*” talvez Leibniz esteja se referindo apenas a uma abreviação da expressão “*Summa rei, vel orationis capita, rei capta*”, que quer dizer: o resumo ou essência do conteúdo presente na lei sálica ou nos preceitos em questão, apenas a algo como “em resumo a lei sálica...”.

eles anexado dá a conhecer (*indicat*) a premissa para eles) para a versão latina, a única que temos, sobreviveram inserções, que, entretanto, faltam na edição lindebrogiana, e que foram omitidas em muitos códices manuscritos. Leem-se, contudo, em algumas [versões] antiquíssimas: Heroldo as editou a partir do **Códex de Fulda**. A partir disso se compreende que a Lei, como hoje a temos, é versão composta pelos francos, entrados já no solo romano, muito modificada e interpolada (*plurimumque mutata et interpolata*); mas seus antepassados já haviam dado alguma notícia de [que tinham adquirido] letra<sup>119</sup> e tinham assumido o costume de escrever, a partir do que tendo passado o Elba, aproximaram-se dos romanos. Assim, aquilo que [p. 36] ali sobrevive[u] da língua germânica (salvo alguns glossemas posteriores a outros que aparecem misturados) é o mais antigo de todos, anterior até aos próprios **Evangelhos Góticos** de Úlfila, compostos justamente após Constantino Magno<sup>120</sup>, e conservados, em parte, no **Códice Argênteo** (encontrado no vetusto Monastério de S. Ludugero nas vizinhanças dos werdenses de Westfália e levado para a Suécia). Ainda que sobejamente ele seja o mais antigo da Europa, também talvez seja do mundo, porque é o que hoje sobreviveu escrito em língua diferente daquelas familiares aos eruditos, isto é, da hebraica, da grega ou da latina.

XXX De acordo com escritores antigos, a partir dos quais se relembram os combates dos francos sob Valeriano [p. 37] Augusto e que se fizera a última migração no século terceiro depois de Cristo, estando já este [século] bem avançado. Flávio Vopisco<sup>121</sup> refere que Aureliano, que depois fora imperador, era governador [ou tribuno]

---

<sup>119</sup> Procuramos manter a expressão “*iam literarum notitiam et scribendi*” para lembrar a “*is enim mos per populos, ubi primum literas accipiunt, ut semiliterati scriptores mira comminiscantur, partim aliorum populorum antiquas narrationes vel figmenta aemulantes, partim plebejas quasdam traditiones ad ea referentes quae in libris legunt* (De fato, depois de receberem as primeiras letras, é costume dos povos [imitar], a tal ponto que os escritores semi-letrados inventam coisas surpreendentes; por um lado imitando dos outros povos as antigas narrativas ou ficções, por outro lado imitando as tais tradições populares que lêem nos livros)” do **Brevis**, p. 15 do original; para compreender melhor do que se trata vale a pena ler os §§136-143 do **E.T.**

<sup>120</sup> Constantino I, o Grande (*Flavius Valerius Constantinus Magnus*, 272-337), também conhecido como Constantino Arênteo, foi um imperador romano, proclamado Augusto em 306. Além de ter derrotado os imperadores Magêncio e Licínio, durante as guerras civis, teve sucesso contra os francos, alanos, visigodos e sármatas; foi por ele ter ali construído a residência imperial que recebeu o nome de Constantinopla, construída em Bizâncio e inicialmente chamada Nova Roma, cidade que veio a se tornar a capital romana do Oriente. Pouco antes dele nascer o império romano estava nas mãos de Públio Licínio Valeriano (*Publius Licinus Valerianus Augustus*, c.200-260), que será mencionado logo a seguir, imperador que governou durante a crise do terceiro século, Valeriano não teve sucesso nos combates ao Oriente, em um dos quais foi capturado, e pode ter sido morto por Sapor I, soberano do império Sassanida. É preciso estar atento ao fato que esse recuo no tempo também se associa a um recuo dos historiadores de tais impérios, como a menção a Vopisco evidenciará.

<sup>121</sup> Flávio Vopisco (*Flavius Vopiscus*, século III) foi, junto com Aelius Spartianus, Iulius Capitolinus, Vulcaius Gallicanus, Aelius Lampridius e Trebellius Pollio, um dos seis historiadores romanos da

em Moguncíaco<sup>122</sup>, repeliu os francos que atacavam a Gália. Vieram, então, os francos para a região dos catos, dos sicambros<sup>123</sup>, dos brúcteros<sup>124</sup>, dos camavos<sup>125</sup>, dos ansibários<sup>126</sup> e de outros povos vizinhos, cujos assentamentos hoje são chamados pelos nomes de weteranvenses, hassenses, westfalenses, [e a partir de tais nomes] foram designados. Os sicambros (*Sigambri*) [foram assim designados por antes (*olim*) terem se assentado] nas vizinhanças do Siga (*Sigam*); os ansibários (*Amsibarii*) as vizinhanças do rio Amísio (*Amisium*); os camavos (*Chamavos*) naquela região onde hoje fica a cidade Ham<sup>127</sup>, os francos tiveram assentamentos por esses lugares, [e] imediatamente depois infestaram [também] a margem romana do Reno.

XXXI Entretanto, os toringos, chegados inesperadamente, expulsaram os outros assentamentos, que sobraram na região dos hermúnduros, [p. 38] e ali fundaram um novo reino. Isso aprendemos da memorável citação de Gregório de Tours no liv. 3 [da **História dos francos**], segundo ele, Teodorico, rei dos francos, filho de Clodoveu, disse

---

**História augusta** (nome atribuído no início do sec. XVII a uma coleção de documentos históricos sobre os imperadores romanos), era natural de Siracusa. São de sua autoria poucos documentos conhecidos escritos em latim: sobre Tácito (c.55-c.120), Firmo (?-c.273), Aureliano (c.220-275), Florianio (?-276), Proclo (c. 281), Probo (232-282), Saturnino I (?), Bonoso (c.281), Caro (c.230-283), Numeriano (c.253-284) e Carino (?-285). Leibniz se refere ao texto de Vopisco, “O divino Aureliano” (*Aurelianus*), **História augusta** (Pars I, 6, Tomo III, p. 204, a partir da tradução de Francisco Navarro y Calvo): “*idem apud Mogontiacum tribunus legionis sextae Gallicanae Francos inruentes, cum vagarentur per totam Galliam, sic adflixit ut trecentos ex his captos septingentis interemptis sub corona vendiderit* (Sendo tribuno da sexta legião gala, abateu completamente, próximo de Maguncia [*Mogontiacum*], aos francos que haviam invadido todo o império e assolado toda a Gália, ali matou setecentos e fez vender em subasta (em leilão) trezentos prisioneiros)”. Os povos e regiões que serão mencionados a seguir não são referidos no texto de Vopisco.

<sup>122</sup> Como já o mencionamos, cidade da Germânia, hoje Mainz.

<sup>123</sup> Novamente mencionados, os sicambros ou sugambros (*Sicambri* ou *Sugambri*) formavam uma tribo germânica ocidental que parece ter sido mencionada a partir de 55 a.C., durante o período de conquista da Gália por Júlio César e início do Império Romano, se assentaram à margem direita do Reno entre os rios Ruhr e Sieg, na região que atualmente faz parte do estado alemão da Renânia do Norte-Vestfália (Nordrhein-Westfalen). O rio Sieg assim como a cidade de Siegen são assim chamados por causa dessa tribo. Em 16 a.C., eles derrotaram um exército romano liderado por Marco Lólio, o que ocasionou uma reação de Roma e ajudou a iniciar a série de guerras contra as tribos germânicas que duraram até o ano de 16. Em 11 a.C., eles foram forçados por Nero Cláudio Druso a se deslocar para a margem esquerda do Reno, onde parecem ter formado o componente central da confederação dos francos. Sua nova pátria estava localizada no que agora é a região de Guéldria (Gelderland) na Holanda, no baixo Reno. Os reis merovíngios reivindicavam sua descendência dos sicambros, que eles acreditavam ser originalmente uma tribo cita ou ciméria que antes habitou a foz do Danúbio, que mudou seu nome para “francos” em 11 a.C. sob a liderança de um certo chefe tribal chamado “Franko”. Os merovíngios traçam suas origens sicambrianas a partir de *Marcomir I* (supostamente morto em 412 d.C.), último rei de Troia, mas essa lista de governantes não é aceita como histórica. De acordo com alguns registros, um líder tribal Marcomero precedeu a dinastia merovíngia em torno de 400 d.C., vide §§V e VIII.

<sup>124</sup> Brúcteros, povo germânico, habitante do território da moderna Vestfália.

<sup>125</sup> Camavos, povo das margens do Reno.

<sup>126</sup> Ansários, povo da Germânia.

<sup>127</sup> Mantivemos o “foram assim designados (*designantur*) por acuparem”, do período anterior, também por acreditarmos que se trata da questão das origens dos nomes de certos povos estarem associadas às raízes dos vocábulos que nomeiam – no período anterior lembrado com “*nominibus apellantur*” – rios, regiões ou cidades: *Sigambri* de *Sigam*; *Am[s]ibarii* de *Amisium* e *Chamavos* de *Ham*.

que outrora os toringos de forma muito violenta impuseram-se sobre os *parentes* (antepassados ou parentes?)<sup>128</sup>, e inferira-lhes ainda muitas coisas cruéis, que recorda aos seus, a fim de animá-los contra o inimigo, e seguiu-se, então, a destruição do reino dos toringos, sobre isso resta ainda um poema de Venâncio Fortunato<sup>129</sup>.

**XXXII** Os francos, contudo, já próximos ao Reno, muitas vezes atravessaram o rio, assolaram a Bélgica e as Gálias<sup>130</sup>. Mas avançaram na direção do Oceano Germânico<sup>131</sup>, (admitidos, sem dúvida, em sociedade os frísios<sup>132</sup>, os marsíacos<sup>133</sup> e os

<sup>128</sup> Leibniz parece manter a dúvida quanto à significação dessa palavra, pois que a palavra latina “parentes” é passível de uma dupla interpretação, a saber, pais, avós ou parentes consanguíneos. Pouco antes se trata, novamente, da obra de Gregório de Tours (c.538-594), **Historia francorum**, livro 3, 7 (Bellum contra Thoringus – Guerra contra o povo Thoringo): “*Post Theudoricus non inmemor periurias Hermenefrede regis Thoringorum Chlothacharium fratrem suum in solatio suo vocat et adversum eum ire disponit, promittens regi Chlothachario partem praedae, si eisdem munus victuriae divinitus conferritur. Convocatis igitur Francis, dicit ad eos: ‘Indignamini, quaeso, tam meam iniuriam quam interitum parentum vestrorum, ac recolite, Thoringus quondam super parentes nostros violenter advenisse ac multa illis intulisse mala. Qui, datis obsidibus pacem cum his inire voluerunt, sed ille obsedes ipsus diversis mortibus peremerunt et inruentes super parentes nostros, omnem substantiam abstullerunt, pueros per nervos femorum ad arbores appendentes, puellas amplius ducentas crudeli nece interfecerunt, ita ut, legatis brachiis super equorum cervicibus, ipsique acerrimo moti stimulo per diversa petentes, diversis in partibus feminas diviserunt’*” (Depois disso, Teodorico, que não tinha esquecido o perjúrio de Hermanfried rei da Turíngia, chamou seu irmão Clotário para auxiliá-lo e prepara-se para marchar contra Hermanfried [no 528], prometendo ao rei Clotário parte dos despojos, se a bondade de Deus lhes concedeu a vitória. Tendo assim reunido os francos, ele disse-lhes: ‘Indignai-vos, peço-vos, tanto por esta injúria que padeço quanto pela morte de vossos pais; lembrai-vos de que os turingios atacaram violentamente nossos antepassados, e fizeram-lhes muitos males. E estes, tendo-lhes dado reféns, desejavam entrar em paz com eles; mas eles fizeram matar os reféns por diferentes tipos de morte, e, retornando para atacar os nossos pais tomaram-lhes tudo o que tinham, as crianças penduradas nas árvores pelo nervo da coxa, mataram de uma morte cruel mais de duzentas meninas, ligando os braços ao redor do pescoço dos cavalos forçados por golpe de espinhos afiados, a afastar-se cada um para um lado, de modo que elas foram feitas em pedaços’”.

<sup>129</sup> Nascido no norte da Itália e tendo tido uma educação clássica em Ravenna, Venâncio Fortunato (*Venantius Honorius Clementianus Fortunatus*; c.530–c.600/609), em francês Venance Fortunat, bispo de Poitiers, foi um poeta e compositor de hinos latinos, por conta disso também foi uma importante figura histórica, com o objetivo de buscar patrocínio nas cortes da Gália merovíngia, escreveu poesia formal e informal para três dos irmãos reais, Sigibert, Charibert e Chilperic, e para muitas figuras influentes na vida eclesiástica e secular. Estabeleceu-se eventualmente em Poitiers, como amigo próximo da ex-rainha Radegund, de Agnes, abadessa da comunidade que recebera seu nome, e do principal historiador do período, Gregório de Tours. Suas obras foram publicadas em 1573. Leibniz certamente se refere ao **De excidio Thoringae (Sobre a ruína da Thuringia)**, que integra as **Poesias misturadas (Poésies mêlées)** de Fortunato.

<sup>130</sup> É interessante o uso que Leibniz faz aqui do termo *Gálias* no plural. Para fazer eco ao que Júlio César refere nos **Commentaria de Bello Gallico**, no início: “*Gallia est omnis divisa e partes tres: quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum linguā, Celtae, nostrā Galli appellantur*” (I,1). César indica só a Gália ainda independente e porque enumera partes, não emprega a palavra *tōta*. Não fala da região dos *Alóbroges*, já submetidos por Domício, da *Cisalpina* nem da *Provincia*. No § XX, Leibniz se referiu à Gália Bélgica.

<sup>131</sup> Com ‘Oceano Germânico’ Leibniz se refere ao que Tácito havia chamado de *Mare Suebicum*, ou seja, Mar dos Suevos, do povo germânico suevo, o qual depois seria chamado por Adão de Bremen de *Mare Balthicum*, Mar Báltico, que fica ao norte da Europa. Vale lembrar que o rio Reno cruza a Europa de norte a sul e ao norte deságua no Mar do Norte que encontra o Mar Báltico em Grenen, no extremo norte da península da Jutlandia, na Dinamarca, próximo à cidade de Skagen.

<sup>132</sup> Frísios, habitantes da Frísia, ao norte da Germânia, entre o Reno e o Oceano (Países Baixos).

<sup>133</sup> Não há qualquer referência a que povo fosse esse dos marsíacos.

[p. 39] batavos) exerceram largamente a pirataria, também entraram pelo estreito de Gibraltar<sup>134</sup>, e invadiram até a Hispânia Tarraconense<sup>135</sup>. Mas foram obrigados a retroceder para junto do Reno por Probo Augusto<sup>136</sup>, [imperador] que infligiu a alguns deles uma grande derrota (*magna clade*).

**XXXIII** Depois [os francos] foram expulsos pelos saxões que sobrevieram pelo mar; os frísios, os caúchos<sup>137</sup>, os queruscos<sup>138</sup>, os varinos, [e] os dinamarqueses foram admitidos em seu nome; mantiveram muito tempo infestado o litoral galês e o britânico, de tal modo que também pelo nome deles fosse chamado *saxão*; e expulsaram os francos sálios [ou sálicos] ([agora] sem sombra de dúvida, antes assim chamados por causa da região *salageve* ou salagastos) da ilha batava, como Zósimo<sup>139</sup> aduz de memória.

**XXXIV** Mas estando cada dia mais e mais inclinados às coisas romanas; os francos, particularmente por que [p. 40] quase toda a nação (*gens*) começou a obedecer a um único rei, ao contrário se fortaleceram. Acho que isso foi feito no início [do governo] de Teodósio Magno<sup>140</sup>, daí que Próspero Tiro escreveu nos **Fastos** (*Fastis*)<sup>141</sup>

<sup>134</sup> Chamado de *hercúleo*, por estar posto entre as chamadas *colunas de Hércules*, entre a Espanha e a África.

<sup>135</sup> A Hispânia Tarraconense (*Hispania Citerior Tarraconensis*) foi uma província romana da Hispânia, na península Ibérica, que suplantou a anterior Hispânia Citerior. A sua capital era a Colônia Júlia Cidade Triunfal Tarraco (*Colonia Iulia Urbs Triumphalis Tarraco*), a atual Tarragona (Catalunha, Espanha). Fazia fronteira a sudoeste com a Lusitânia e Bética e a nordeste com a Gália Aquitânia e Gália Narbonense. Depois da queda do Império Romano do Ocidente, a província seria dominada pelos visigodos e mais tarde parcialmente tomada durante a Invasão muçulmana da Península Ibérica.

<sup>136</sup> Marco Aurélio Probo (em latim *Marcus Aurelius Probus*, 232-282) foi um imperador romano de 276 a 282, nasceu em Sirmio (atual Sremska Mitrovica, na província sérvia da Voivodina); como vários imperadores do século III, Probo chegou ao poder através de carreira militar.

<sup>137</sup> Caúchos, povo da Germânia, habitantes entre o Elba e o Ems.

<sup>138</sup> Queruscos, povo germânico.

<sup>139</sup> Zósimo (*Zóσιμος*) foi um historiador de língua grega atuante em Constantinopla e ativo entre o final do século V e o início do século VI, escreveu a **Ιστορία νέα (Historia nova)** em seis livros, Leibniz se refere ao livro III, (p. 130, 6, 15): “οἱ δὲ ὑπὸ **Φράγκων** ὁμόρων αὐτοῖς ὄντων κωλυόμενοι διαβῆναι δέει τοῦ μὴ τῷ Καίσαρι δοῦναι δικαίαν αἰτίαν τῆς κατ’ αὐτῶν αὔθις ἐφόδου, πλοῖα ναυπηγησάμενοι καὶ διὰ τοῦ **Ρήνου** τὴν ὑπὸ **Φράγκων** ἐχομένην ὑπερβαλόμενοι γῆν ἐπὶ τὴν ὑπήκοον Ῥωμαίοις ὠρμήθησαν, καὶ τὴν Βαταβία προσσχόντες, ἦν δίχα σχιζόμενος ὁ Ῥήνος νήσον ποιεῖ πάσης ποταμίας μείζονα νήσου, τὸ **Σάλιον** ἔθνος, **Φράγκων** ἀπόμοιρον, ἐκ τῆς οἰκείας χώρας ὑπὸ **Σαζόνων** εἰς ταύτην τὴν νήσον ἀπελαθέντας ἐξέβαλλον (Sendo obstruídos pelos francos que moravam perto deles, e que tinham medo de dar a César uma ocasião justa de fazer outro ataque contra eles, eles construíram em pouco tempo alguns barcos, nos quais navegaram ao longo do Reno além do território dos francos, e entraram no império romano. Ao chegarem à Batávia, que é uma ilha, formada pelos braços do Reno, muito maior do que qualquer outra ilha fluvial, expulsaram os Sálios, povo descendente dos francos, que haviam sido expulsos de seu próprio país pelos saxões).

<sup>140</sup> Teodósio Magno (347-395) ou Teodósio I, o Grande, foi um imperador romano desde 379 até sua morte. Promovido à dignidade imperial após o Desastre de Adrianópolis, primeiro compartilhou o poder com Graciano e Valentiniano II. Em 392 Teodósio reuniu as porções oriental e ocidental do Império, sendo o último imperador a governar todo o mundo romano. Após a sua morte, as duas partes do Império separaram-se definitivamente. Tudo indica que Leibniz está localizando na segunda metade do século IV os fatos supostamente narrados pelo historiador Próspero Tiro ou s. Próspero da Aquitânia (c.390-c.465).

que *Priamo* (isto é, o Faramundo mais velho) *tinha reinado na França*, ou na parte da Magna Germânia, próxima ao Reno, desde a Mogúncia<sup>142</sup> até os batavos, onde a Tábula Peutingeriana (que parece ter sido composta naqueles tempos)<sup>143</sup> coloca a França. Com efeito, essas afirmações (*verba*) de Próspero, também negam que algo mais antigo do que aqueles [fatos] pudesse ser investigado; parecem indicar que, a partir disso, a França, não mais obedecia a muitas regras [ou leis] (*multis regulis*) como antes, mas [a partir de então] aderiram a um poder único (*in unius potestatem*). Quem escreveu as **Realizações dos reis francos** (*Gesta Regum Francorum*)<sup>144</sup> atribui a ele [, Faramundo, ser] filho de Marcomiro<sup>145</sup>; alguns acrescentam Genebaudo e Suno<sup>146</sup>; se bem que, de fato, o autor [p. 41] das **Realizações** (*Gestorum*) pretenda que este tivesse nascido de Antenor<sup>147</sup>; entretanto, Claudiano<sup>148</sup>, lembrando os posteriores Marcomiro e Suno,

<sup>141</sup> Como já mencionado, apesar de o livro **Fasti** não aparecer entre as obras de s. Próspero, Eusébio Panfilio o cita no livro **Thesaurus temporum** (edição de 1658, p. 49). “*IV. Incursantes Pictos et Scotos Maximus strenue superavit. Priamus quidam regnat in Francia, quantum altius colligere potuimus* (4. Máximo superou vigorosamente os pictos e os escoceses que [o] atacavam. Certo Priamo reina [ou tinha reinado] na França, de quanto anteriormente pudemos coligir [ou reunir])”.

<sup>142</sup> Novamente, Mogúncia, hoje Mainz no sudoeste da Alemanha. Para compreender a menção a Priamo e Faramundo, e de Marcomer que virá logo a frente, é necessário ir aos §§IV e V.

<sup>143</sup> Tabula Peutingeriana é um mapa viário do Império Romano, hoje mantido na Biblioteca Nacional de Viena. O índice de rotas mostra Roma no centro de um círculo do qual partem radialmente as grandes estradas da Itália, daí que “*todos os caminhos levam a Roma*”.

<sup>144</sup> Leibniz se refere ao início do já mencionado (cf. §§ II e V) **Gesta regum francorum (Realizações dos reis francos) ou Liber Historiae Francorum (Livro da história dos francos)** (in **Monumenta Germaniae Historica**, tomo II, 1888 §4, p. 244).

<sup>145</sup> Marcomiro, que parece ser o mesmo Marcomero ou Marcomer (c.346-404), foi um duque franco do final do século IV. Gregório de Tours o menciona na sua **Historia francorum**, junto com os duques Genobaldo e Suno. Gregório duvida que eles fossem chamados de reis. Eles cruzaram o Reno, assaltaram a província romana da Germânia e ameaçaram Colônia nos últimos anos do reinado do imperador romano do Ocidente Magno Máximo (383-388). Eles supostamente também lideraram os catos e os ampsivarianos. Segundo o próprio Leibniz, §V, Marcomero deve ter sido um antepassado de Faramundo, um ancestral da dinastia real dos merovíngios.

<sup>146</sup> Quanto a Suno, trata-se de duque franco que invadiu junto com Marcomero a Germânia e devastou alguns distritos férteis, durante o reino de Teodósio I (347-395), quanto a Genebaudo I (ca. 245 - 289). Segundo a obra anônima **Liber historiae francorum (Livro da história dos francos)** era filho de Marcomero e o primeiro rei dos francos. Ou como afirma o próprio texto: “Muitas pessoas não sabem quem foi o primeiro rei dos francos. Apesar de Sulpice Alexander relatar muitas coisas sobre eles, ele não nomeia o primeiro de seus reis e diz que eles tinham duques: é bom, no entanto, relacionar o que ele diz sobre esses últimos chefes. Depois de dizer que Maxime, tendo perdido toda a esperança de preservar o Império, permaneceu em Aquileia, quase privado de tudo, acrescenta: ‘Neste tempo [o ano 388] os francos, sob a liderança de Gennobaude, Marcomer e Sunnon, seus duques, fizeram uma irrupção na Germania e, cruzando a fronteira, massacraram muitos habitantes e, tendo devastado os cantões de grande fertilidade, levaram o terror à Colônia Agrícola’”. (GREGORIO DI TOURS, **Historia Francorum**, II, p. 22).

<sup>147</sup> [1] *Alii quoque ex principibus, Priamus videlicet et Antenor; cum reliquo exercitu Troianorum duodecim milia intrantes in navibus, abscesserunt et venerunt usque ripas Tanais fluminis. Ingressi Meotidas paludes navigantes, pervenerunt intra terminos Pannoniarum iuxta Meotidas paludes; habitaveruntque coeperunt aedificare civitatem ob memoriale eorum appellaveruntque eam Sicambriam; habitaveruntque illic annis multis creveruntque in gentem magnam. (...) [4] Illi quoque egressi a Sicambria, venerunt in extremis partibus Reni fluminis in Germaniarum oppidis, illucque inhabitaverunt cum eorum principibus Marchomire filium Priamo, et Sunnone, filio Antenor; habitaveruntque ibi annis multis. Sunnone autem*

indica que eram irmãos, conforme o juízo de Valésio, no livro 1, dos **Louvores de Estilício** (*de laudibus Stiliconis*)<sup>149</sup>, chamando: *irmãos por engenho e por amor ao crime*, não menos, evidentemente, do que por natureza.

XXXV Pois, [além de referir] Faramundo [o mais jovem], até aqui conhecido (evidentemente, segundo nossa afirmação) como nascido de Marcomiro, também

---

*defuncto, acciperunt consilium, ut regem sibi unum constituerent, sicut ceterae gentes. Marchomiris quoque eis dedit hoc consilium, et elegerunt Faramundo, ipsius filio, et elevaverunt eum regem super se crinitum. Tunc habere et leges coeperunt, quae eorum priores gentiles tractaverunt his nominibus: Wisowastus, Wisogastus, Arogastus Salegastus, in villabus quae ultra Renum sunt, in Bothagm, Salechagm et Widechagm. (...) [5] Mortuo quippe Faramundo rege, Chlodionem, filium eius crinitum, in regnum patris sui elevaverunt. Id temporis crinitos reges habere coeperunt. (...) Chlodione rege defuncto, Merovechus de genere eius regnum eius accepit, Regnavit Chlodio annis 20. Ab ipso Merovecho rege utiles reges Francorum Merovingi sunt appellati* ([1] Também uns dentre os príncipes, como exemplo, Priamo e Antenor, com o resto do exército de doze mil troianos, entrando em barcos, afastaram-se e vieram até às margens do rio Tânai. Tendo entrado navegando pela Lagoa Meótida, chegaram às fronteiras da Panônia, perto da Lagoa Meótida, e começaram a construir uma cidade para um memorial para eles e chamaram-na de Sicâmbría. Ali moraram por muitos anos e tornaram-se uma grande nação (...). [4] Outros também saídos da Sicâmbría, vieram para as partes mais longínquas do rio Reno para as vilas germânicas, e ali moraram com seus príncipes, Marcomiro, filho de Priamo, e Suno, filho de Antenor; e moraram ali por muitos anos. Depois da morte de Suno, decidiram constituir um rei para si, a exemplo dos outros povos. Marcomiro lhes deu esse conselho, elegeram Faramundo, filho deste [de Marcomiro] e elevaram-no rei de longos cabelos. Então começaram a ter leis, que as nações anteriores trataram com estes nomes: Wisowasto, Wisogasto, Arogasto, Salegasto; nas vilas que estão além do Reno, em Bothagm, Salechagm et Widechagm. (...) [5] Tendo morrido o rei Faramundo, elevaram a Clódio, o cabeludo, seu filho, como rei no lugar do pai. Por esse tempo é que começaram a ter reis de longos cabelos (...). Tendo morrido o rei Clódio, Meroveco [talvez Meroveu] da mesma ascendência dele, recebeu o seu reino. Clódio reinou por 20 anos. É do rei Meroveco que os reis dos francos são chamados de merovíngios. Na mitologia grega, Antenor (em grego antigo *Ἀντήνωρ*) era um conselheiro do rei Priamo de Tróia, que durante o assédio à cidade advogou por uma solução pacífica entre gregos e troianos. Antenor apoiava a solução do conflito com um duelo entre Páris e Menelau. Foi um personagem troiano que profetizou que os aqueus recuperariam Helena de Tróia. Tem entre os troianos um papel semelhante ao de Nestor entre os aqueus: o de um ancião sábio, experimentado e prudente. Casou-se com Téano, filha de Cisse, com quem teve Acamante. Antenor é o fundador mítico de Veneza e de Pádua). In **Monumenta Germaniae Historica**, tomo II, 1888 §§1-4, p. 244.

<sup>148</sup> Claudius Claudianus (c. 370 -c. 404 a.D.), no **De consulatu stilichonis**, liber primus, v. 232 e s., p 364, temos: “*Verso 232: Ultra quin etiam devota mente tuentur / victorique favent. quotiens sociare catervas / oravit iungique tuis Alamannia signis! / Nec doluit contempta tamen, spretoque recessit / auxilio laudata fides. provincia missos / expellet citius fascas quam Francia reges, / quos dederis. acie nec iam pulsare rebelles, / sed vinclis punire licet; sub iudice nostro / [v. 240] regia Romanus disquirat crimina carcer: / Marcomeres Sunnoque docet; quorum alter Etruscum / pertulit exilium; cum se promitteret alter / exulis ultorem, iacuit mucrone suorum: / res avidi concire novas odioque furentes / [v. 245] pacis et ingenio scelerumque cupidine fratres* (Mais ainda, dedicado ao seu conquistador, este povo oferece suas armas em sua defesa. Quantas vezes a Alemanha implorou para juntar suas tropas e juntar forças com as de Roma! Tampouco ficou irritada quando sua oferta foi rejeitada, pois, embora sua ajuda fosse recusada, sua lealdade foi louvada. É mais provável que Provença expulsará o governador que enviareis, do que a terra dos francos expulsará o governante que lhes deste. Não derrotar os rebeldes no campo, mas puni-los com correntes é agora a lei; sob nosso juiz, uma prisão romana realiza um inquérito sobre os crimes dos reis. Marcomero e Sunno dão provas: o exilado em Etrúria, o outro, proclamando-se vingador do exílio, caiu sob as espadas de seus próprios soldados. Ambos estavam ansiosos para despertar a rebelião, ambos odiavam a paz – verdadeiros irmãos no caráter e no amor comum ao crime)”.

<sup>149</sup> Estilício ou Flávio Estilício (*Flavius Stilicho*; 350/360 - 408) foi um mestre de soldados (*magister militum*), romano de origem bárbara, patrício do Império Romano do Ocidente e cônsul.

Clódio<sup>150</sup> [como nascido] de Faramundo<sup>151</sup> relata o mesmo autor das **Realizações** (*Gestorum*). Sobre Clódio (*Clodionis*), aquele Clógio para Sidônio<sup>152</sup>, que possivelmente seja o mesmo nome, o qual [nome] de *Clodoveu* (*Clodovaei*) ou de *[C]Hludovico* (*[C]Hludovici*), vulgarmente [se diz] *Clóvis*. Clódio, contudo, invadiu a Bélgica e avançou até Atura (*Atrebatum*)<sup>153</sup>, mas foi expulso por Aécio<sup>154</sup>. Prisco apurou que dois dentre os filhos dele combateram contra o reino, um favoreceu os romanos e outro favoreceu Átila<sup>155</sup>. [P. 42] Meroveu<sup>156</sup>, que pouco depois começou a reinar, tanto parece que excluiu aos dois [filhos de Clódio], [quanto] é verossímel que era de outra estirpe, pois deu nome à família dos reis que o seguiram. Também poderia, todavia, ser da descendência de Clódio, como diz o autor das **Realizações [dos reis dos Francos]** (*Gestorum*), naturalmente pelas mulheres, filho talvez da irmã ou [mesmo de] algum outro parente.

<sup>150</sup> Clódio (c. 392-447 ou 449) (*Chlodio*, *Chlodion*, *Clodion*, *Clodius*, *Chlogio*, *Clodian*, *Clógio*, *Chlodovechus*, *Chlodovecus*, *Chrotechildis*, *Chlotachurius*, *Chlotachurius*, *[C]Hludovic*, *Hludovic*, *Hlodowig* etc), Cabelos Longos ou o Cabeludo, foi um rei semi-lendário dos francos salianos ou sálicos da dinastia merovíngia (426-447), um dos povos germânicos que constituem a liga dos Francos. O seu sucessor foi Meroveu, de quem a dinastia herdou o nome. A parte lendária diz que seu pai foi o duque Faramundo e sua mãe Argota, da Turíngia. Seu avô deve ter sido Marcomero, duque dos francos.

<sup>151</sup> Aqui seguimos a correção de Echart tanto com relação à pontuação quanto à mudança do nome, ou seja, ao invés do termo latino Marcomiro da versão de 1715, que parece não fazer sentido aqui, preferimos o Pharamundo da de 1768, ao que finalizamos a oração ou frase com *Gestorum*.

<sup>152</sup> **Caio Sólio Apolinário Sidônio** será mencionado novamente no §XXXVI.

<sup>153</sup> Atura ou Aire-sur-l'Adour é uma comuna francesa na região administrativa da Aquitânia, no departamento Landes. Era conhecida como Atura ou *Civitas Aturensium* durante o período romano; Atura também foi indicada com nomes variados por autores diferentes: Adura, Aturum, Aeria, Aena, Aria, Atrebatum, Heria; que também foi chamada *Vicus Iulii*.

<sup>154</sup> Aécio ou Flávio Aécio, em latim *Flavius Aëtius* (396-454), às vezes chamado simplesmente de Aécio, foi duque, patrício e general romano, cognominado “o último dos Romanos” por causa de seu destemor e bravura em campo de batalha. Figura influente em todo o Império Romano do Ocidente durante o governo de Valentiniano III, defendeu a prefeitura pretoriana da Gália contra os francos e burgúndios, depois contribuiu para a derrota de Átila nos Campos Cataláunicos. Foi assassinado por ordem do imperador Valentiniano III. Já mencionado, Prisco de Pânio foi um historiador e sofista bizantino do séc. V. Ele acompanhou Maximiniano, embaixador de Teodósio II, à corte de Átila, o Huno, em 448. Foi autor de um memorável trabalho, a **História Bizantina**, a qual provavelmente cobria o período de Átila a Zenão I (433-474). Somente fragmentos desse trabalho restaram, em grande parte preservados na obra **Gética** de Jornandes (ou Jordanes) que já tem sido mencionada.

<sup>155</sup> Átila, o Huno (406-453), também conhecido como Praga ou Flagelo de Deus, foi o último e mais poderoso rei dos hunos; governou o maior império europeu de seu tempo desde 434 até sua morte. Suas possessões se estendiam da Europa Central até o mar Negro, e desde o Danúbio até o Báltico. Durante seu reinado foi um dos maiores inimigos dos impérios romanos Oriental e Ocidental: invadiu duas vezes os Bálcãs, esteve a ponto de tomar a cidade de Roma e chegou a sitiá-la Constantinopla na segunda ocasião. Marchou através da França até chegar a Orleães, antes que o obrigassem a retroceder na batalha dos Campos Cataláunicos (Châlons-sur-Marne) e, em 452, conseguiu fazer o imperador Valentiniano III fugir de sua capital, Ravena.

<sup>156</sup> Novamente, Meroveu (c.411-c.458) é o lendário fundador da dinastia merovíngia de reis francos. Ele foi rei dos francos sálios nos anos posteriores a 450. Sobre ele não existem registros contemporâneos e há pouca informação nas histórias posteriores dos francos. Gregório de Tours registra que possivelmente ele tenha sido filho de Clódio. Ele supostamente liderou os francos na Batalha de Châlons (ou Batalha dos Campos Cataláunicos) em 451. De acordo com uma lenda, Meroveu foi concebido quando a esposa de Clódio encontrou um Quinotauro, um monstro marítimo que podia mudar de forma enquanto nadava.

**XXXVI** Sidônio<sup>157</sup> lembra que ele seja um dos excluídos que protegeu as regiões, naturalmente, as romanas, é isso crível, também que cujas núpcias [foram] com uma virgem de ascendência senatorial. Donde eu preferiria [conduzir até a] estirpe de Carlos Magno<sup>158</sup>, ao contrário do que o afirma Bucécio (*Bucetio*)<sup>159</sup> e os que o seguem, [que conduzir até] uma família romana através de uma linhagem masculina. Assim, Arnulfo<sup>160</sup> seria de origem senatorial, mas somente por meio da inserção de seu matrimônio. Ninguém duvida que de Meroveu nasceu Childerico, pai de Clodoveu.

[P. 43] **XXXVII** Muitos estabeleceram que Clódio fixou assentamento na Bélgica, e Valésio<sup>161</sup> também inclina-se a isso, e aduz em prova a citação de Salviano, do livro 5 de **O governo de Deus** (*De Gubern. Dei*)<sup>162</sup>, em que os francos são nomeados entre os romanos, [mas] seria melhor [dizer] entre as nações romanas do que entre os

<sup>157</sup> Conferimos as **Epístolas** e o **Carmina**, de sua autoria, e não conseguimos saber exatamente ao que ou a qual parte Leibniz está se referindo, ou seja, não conseguimos saber exatamente onde Sidônio, escritor romano que também será mencionado mais uma vez no §XXXVIII, teria dito tal coisa e a quem estava se referindo propriamente. De qualquer modo, quanto a Sidônio ou Caio Sólido Apolinário Sidônio (*Gaius Sollius Sidonius Apollinaris*; 430- c.486), trata-se de poeta, alto funcionário do Império Romano, bispo e santo da Igreja Católica, foi o autor individual sobrevivente mais importante da Gália do quinto século. A amplitude de seus conhecimentos o fez centro da vida pública de sua época.

<sup>158</sup> Mais uma explicitação daquele desejo de Leibniz de levar ao mais profundo as origens das casas europeias ou mesmo da Europa germânica.

<sup>159</sup> Parece se tratar de um bispo (*Bucetius episcopus*) e que teria escrito uma **História genealógica da França**, certamente um genealogista como o francês *Scévole de Sainte-Marthe* (1571-1650), mas não conseguimos saber ao certo de quem se trata, o que de fato teria escrito ou quando teria vivido, de qualquer modo Leibniz o cita também em outros trabalhos.

<sup>160</sup> Para traçar a linha sucessória anterior a Carlos Magno Leibniz não podia deixar de mencionar Arnulfo (dentre outros, Arnoul, Arnould, Arnoulf, Arnulf, Arnulfus) de Metz (c.582-640/1), bispo franco de Metz e conselheiro do palácio merovíngio da Austrasia, que veio a se tornar um santo da Igreja Católica. Como fica evidente, sua genealogia é discutível, parece que foi filho de Bodogisel ou mesmo de Arnoaldo, este seu predecessor na sede episcopal; antes de se tornar bispo teria tido dois filhos com a aristocrata Doda – daí a virgem de ascendência senatorial mencionada acima –, Clodulfo de Metz (605-697), que o sucedeu como bispo e também é considerado santo, e Asegisel (602-679), pai de Pepino de Heristal (c.645-714), resultado de seu casamento com Bega (?-693), filha de Pepino de Landen. Pepino de Heristal é o bisavô de Carlos Magno, é a partir dele e de seu avô Arnulfo – que não era de uma família real por nascimento, mas só por casamento –, portanto, que tem início as origens da dinastia Carolíngia.

<sup>161</sup> Quanto ao historiador francês Henri Valois (em latim *Henricus Valesius*) ou a Adrien Valois ou ainda Adrien de Vallois (*Hadrianus Valesius*), senhor de La Mare, cf. §I e notas mais à frente.

<sup>162</sup> Salviano (*Salvianus* ou *Saluianus*) foi um escritor cristão do século V, nascido provavelmente em Colônia Agripa (moderna Colônia) entre 400 e 405. Morreu em Massília (moderna Marselha) na década de 490 e é conhecido também como Salviano de Massília (*Salvianus Massiliensis*). **De gubernatione Dei** (**O governo de Deus**), a obra magna de Salviano, foi publicada provavelmente depois de 439, mas antes de 451, pois Salviano fala dos hunos, não como inimigos do império, mas como soldados nos exércitos romanos (vii. 9). Na obra, que se apresenta uma valiosa, ainda que preconceituosa, descrição da vida na Gália romana no século V, Salviano lida com os mesmos problemas que estimularam a eloquência dos já mencionados santo Agostinho e Paulo Orósio: 1º por que estas misérias estavam acontecendo ao império? 2º Poderia ser, como diziam os pagãos, por que sua época havia abandonado os deuses antigos? 3º Ou era, como ensinava a doutrina semi-pagã de alguns cristãos, que Deus não interferia constantemente no mundo que criara (i. 1)? 4º Com os primeiros, Salviano não discutia (iii. 1) e aos últimos, respondia afirmando que “assim como um navegador jamais deixa o leme, assim também Deus jamais remove seus cuidados do mundo”. Daí o nome do tratado **O governo** [constante] **de Deus**.

próprios [romanos]; e Sidônio no livro 1 das **Ep.**<sup>163</sup> 1 diz que [são as nações] dos sicambros, dos alanos e dos gelonos<sup>164</sup>, que se assentaram na Gália, [durante] o principado de Honório<sup>165</sup>, eram zombados pelos gauleses por causa da estupidez e temidos por causa do carácter violento; também nas **Ep.**, onde diz que o Direito Romano [fora] recentemente abolido nas terras belgas, [assim] como a língua latina. Mas o sepulcro de Childerico, encontrado nas vizinhanças de Tórnaco<sup>166</sup>, sustenta essa opinião.

**XXXVIII** Mas há de reconhecer que Sidônio<sup>167</sup> e outros escritores romanos por muito tempo ainda falavam a respeito dos francos como [p. 44] transrenanos. E deste modo Daniel<sup>168</sup>, escritor de gênio e doutrina não vulgares, guarda para Clodoveu o louvor de ter levado o império dos francos para além do Reno. Concordo com Valésio [de que se tratava dos] aremóricos (gauleses, isto é, [aqueles que se encontravam] aquém do Loire (*Ligerim*)<sup>169</sup> próximo ao mar, antes aparentados com os romanos), [e

<sup>163</sup> Novamente supostamente **Ep[istolas em IX livros]**.

<sup>164</sup> Gelonos, povo da Cítia.

<sup>165</sup> Honório ou Flávio Honório (*Flavius Honorius*; depois *Imperator Caesar Flavius Honorius Pius Felix Augustus*) foi um imperador romano do ocidente já nos anos finais do império, além de ter sido uma peça chave no declínio de Roma. Seu reinado foi marcado pelo saque de Roma em 410, entre outros eventos trágicos.

<sup>166</sup> Tórnaco, cidade da Gália Bélgica, hoje Tournai.

<sup>167</sup> Segundo Eckhard trata-se do livro 8, Ep. (**Ep[istolas em IX livros]** 3). O próprio Valesius também cita os poemas de Sidônio (cf., por exemplo, p. 179).

<sup>168</sup> Leibniz se refere ao seu contemporâneo o famoso jesuíta Padre Gabriel Daniel (1649-1728) que, em 1690, já havia escrito contra a doutrina cartesiana dos turbilhões no seu livro **Voyage du monde de Descartes** e, em 1694, respondido às **Lettres au provincial** de Blaise Pascal (1623-1662) com o título **Entretiens de Cleanthe e d'Eudoxe sur Le lettres provinciales**, onde se pronunciava quanto à doutrina cartesiana da inteligência dos animais e a favor dos jesuítas; foi mencionado algumas vezes por Bayle em seu **Dicionário Crítico**, mas é certamente por conta de sua obra **História da França a partir do estabelecimento da monarquia francesa (Histoire de France depuis l'établissement de la monarchie française)** que ele é lembrado aqui, esta obra foi publicada a primeira vez em 1713, pouco antes, portanto, da finalização do **De origine**, é já desde seu início que o nome de Clovis aparece; o P. Daniel, como geralmente era mencionado, escreveu também uma **Histoire de la milice française**, publicada somente em 1721.

<sup>169</sup> Do francês *Loire* ou do latim *Liger*, vocábulo que dá nome à região *Pays de la Loire*, é o nome do maior rio da França, o qual desemboca no Oceano Atlântico e tem origem nas regiões do monte Gerbier de Jonc, Macisso Central e departamento de Ardeche. Em seu **Rerum francicarum usque ad Chlotharii senioris mortem**, Adrianus Valesius menciona tal rio muitas vezes, inclusive fazendo referência a outros historiados, como na passagem seguinte: “**Gregorius** [Gregório de Tours] **in libro II** [da **História dos francos**] *scribit multos memoriae tradere Francos, digressos finibus Pannoniae, primum circa ripas Reni incoluisse: deinde transito Reno in Toringiam immigrauisse, ibique Reges crinitos ex nobilitate de lectos, qui pagis aut ciuitatibus praeessent, creauisse: ac Chlodionem Regem Francorum virum fortissimum ac nobilissimum in castro quodam Toringiae nomine Dispargo sedisse. eodemque tempore partem Galliae a Reno ad Ligerim, id est ad meridiem versus sub ditone Romanorum fuisse; ultra Ligerim Gothos, trans Rhodanum Burgundiones coluisse. Chlodionem vero, ut praemissi exploratores perspectis regionibus tuta omnia renuntiauisent; fuis fugatisque Romanis, opidum Camaracum cepisse: eoque in opido paullisper constitisse: inde usque ad Suminam flumen omnia occupauisse* (Gregório no livro II escreve que muitos francos, dispersos pelas fronteiras da Panônia, planejaram que, primeiramente, habitariam nas cercanias das margens do Reno; que, depois, atravessado o Reno, imigrariam para a Tóringia, e aí criariam os reis de cabelos longos assinalados pela nobreza, para que governassem vilas e cidades; e que Clódio, rei

que] não foram povos peculiares, chamados por Procópio<sup>170</sup> de *arbóricos*, que se submeteram aos francos, como julga certo homem celeberrimo com muitos [outros]. E Zósimo fabricou o assunto, que no livro 6<sup>171</sup> chama de armóricos (*Armorichos*). Segundo suspeito Procópio tomou arbóricos (*Arborichos*)<sup>172</sup> de um vocábulo um pouco corrompido (*corrupto*). Mas discutir tais coisas não é o objetivo deste trabalho. Basta-nos aqui ter disposto as origens e as migrações dos francos até ao Reno.

---

franco, homem de muita beleza e nobreza, estaria aquartelado numa fortaleza da Toríngia de nome Dispargo; que, por esse mesmo tempo, ficaria uma parte da Gália, desde o Reno até o Ligerio [hoje o rio Loir], isto é, ao sul, sob domínio dos romanos; para além do Ligerio habitariam os Godos, para lá do Ródano viveriam os Burgundiões; que Clódio, no entanto, para que os exploradores, enviados para observar a região, anunciassem tudo com segurança, tendo solvido e posto em fuga os romanos, capturaria a cidade de Camaraco [hoje Cambray], nessa mesma cidade se estabeleceria, dali até ao rio Somena [hoje Somme] a tudo ocuparia”. Valesius, **Rerum francicarum usque ad Chlotharii senioris mortem**, 1646, livro III p. 128, grifo nosso. Sobre a menção que Valesius faz do principado de Honório, lembrado por Leibniz no §XXXVII, cf. livro **Rerum francicarum usque ad Chlotharii senioris mortem** VIII, p. 477.

<sup>170</sup> Como já dissemos, Procópio de Cesaréia, historiador bizantino do séc. VI, é considerado por muitos como o último historiador da antiguidade tardia, cujas obras **História das guerras** (*Polemon* – onde trata da Guerra Persa, Guerra Vândala e Guerra Gótica) e **História secreta** (*Anecdota* – onde relata aquilo que não estava autorizado a escrever em suas obras oficiais) parecem constituir a principal fonte escrita de informações sobre o reinado de Justiniano. Adrianus Valesius diz que “*Quos ego Arbóricos, vel Arborychos ignoro nomine appellatos a Procopio, non alios quam Armoricos esse indicarique arbitror* (Eu mesmo desconheço quais [povos são esses] chamados arbóricos ou arbórycos por Procópio; penso que não sejam nem se indiquem outros que não os Armóricos)” **Rerum francicarum usque ad Chlotharii senioris mortem** livro VI, p. 278.

<sup>171</sup> Leibniz lembra a menção particularmente feita a Zósimo e a seu livro por Velsius no livro IV do **Rerum francicarum usque ad Chlotharii senioris mortem**, p. 161, quanto aos “*Armoricianos sive Armoricos*”; onde, além de Zósimo, também é lembrado Jordane já muitas vezes mencionado aqui. Quanto ao **História nova**, de Zósimo, obra escrita em grego, em seis livros, sobre o reinado do imperador romano Augusto (r. 27 a.CA.-14 d.CA.) até o ano de 410, e é uma das mais importantes fontes para o conhecimento dos eventos do século IV e do início do século V); lá temos: “*οἱ τε οὖν ἐκ τῆς Βρεττανίας ὄπλα ἐνδύντες καὶ σφῶν αὐτῶν προκινδυνεύσαντες ἠλευθέρωσαν τῶν ἐπιχειμένων βαρβάρων τὰς πόλεις, καὶ ὁ Ἀρμόριχος ἅπας καὶ ἕτεραι Γαλατῶν ἐπαρχίαι, Βρεττανουὺς μιμησάμεναι, κατὰ τὸν ἴσον σφῶς ἠλευθέρωσαν τρόπον, ἐκβάλλουσαι μὲν τοὺς Ρωμαίους ἄρχοντας, οἰκείον δὲ κατ’ ἐξουσίαν πολίτευμα καθιστᾶσαι* (Os bretões, portanto, pegaram em armas e se lançaram em empreendimentos perigosos para sua própria proteção, até que libertaram suas cidades dos bárbaros que os sitiavam. De maneira semelhante, toda a Armórica, com outras províncias da Gália, se movimentou do mesmo modo; expulsar os magistrados ou oficiais romanos, e erigir um governo, por assim dizer, de seus próprios)” p. 322, 5, 10.

<sup>172</sup> Leibniz se refere ao já mencionado vocábulo grego ‘*Ἀρβόρυχοι*’ – daí *arborychi*, *arborichi*, *arborichos*, *armoricos* –, utilizado por Procópio em **De bello gotthico**, I, 12 (pp. 63-4, Ed. Weberi, na edição Guilielmi Dindorfii, 1833, vol. II - Procopius of Caesarea, Wars, ed. G. Dindorf, De Bellis, 1-11, CSBB, X (Bonn, 1833-38)).